

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - BACHARELADO

LIANA BEATRIZ DE OLIVEIRA CARVALHO

RELAÇÕES ETNOPEDOLÓGICAS NA AGROECOLOGIA:
A importância da participação feminina em hortas urbanas no
Rio de Janeiro (RJ)

JUIZ DE FORA
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – BACHARELADO

LIANA BEATRIZ DE OLIVEIRA CARVALHO

RELAÇÕES ETNOPEDOLÓGICAS NA AGROECOLOGIA:
A importância da participação feminina em hortas urbanas no
Rio de Janeiro (RJ)

Trabalho de Conclusão de curso
apresentado ao Curso de Graduação em
Geografia da Universidade Federal de Juiz
de Fora, como requisito parcial para a
obtenção do título de Geógrafa.

Orientador: Prof. Dr. Gisele Barbosa dos Santos

JUIZ DE FORA
2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da
Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Oliveira Carvalho, Liana Beatriz.
RELAÇÕES ETNOPEDOLÓGICAS NA AGROECOLOGIA: A
importância da participação Feminina em hortas urbanas no Rio de
Janeiro (RJ) / Liana Beatriz de Oliveira Carvalho. -- 2022.
75 p.

Orientadora: Gisele Barbosa dos Santos
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, 2022.

1. Protagonismo feminino. 2. Hortas urbanas. 3. Conhecimentos
tradicionais. I. Barbosa dos Santos, Gisele, orient. II. Título.

LIANA BEATRIZ DE OLIVEIRA CARVALHO

RELAÇÕES ETNOPEDOLÓGICAS NA AGROECOLOGIA:
A importância da participação Feminina em hortas urbanas no
Rio de Janeiro (RJ)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Geografia da
Universidade Federal de Juiz de Fora, como
requisito parcial para obtenção do título de
Geógrafa.

Aprovada em ___ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gisele Barbosa dos Santos (Orientadora)
Departamento de Geociências – UFJF

Prof. Me. Camila Neves Silva
Departamento de Geociências – UFJF

Prof. Dr. Regina Cohen Barros
Colégio Técnico (CTUR) - UFRRJ

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à minha família, Dayse, André Luiz, Pedro e Rachel por todo o suporte durante a minha formação, por sempre acreditarem em mim e no meu potencial como Geógrafa. A você mãe, a minha maior inspiração, agradeço a minha vida e por ter sido a primeira pessoa a acreditar no meu sonho e por sempre me incentivar a segui-lo. Ao meu pai, por ter me proporcionado a oportunidade de estudar fora do meu Estado e por sempre me dar todo o suporte para vencer as barreiras que possam aparecer ao longo do caminho. Ao meu irmão, agradeço por ser o melhor amigo que a vida poderia ter me dado e por toda a confiança que criamos juntos, nada disso seria possível sem você ao meu lado. Agradeço especialmente à Luli, que apesar de ter entrado na família há pouco tempo, já foi capaz de trazer os momentos de maior alegria.

À minha orientadora, Gisele Barbosa, agradeço por ser minha maior inspiração dentro da Universidade, por toda a jornada que construímos juntas na Geografia ao longo dos últimos anos, por sempre dividir comigo toda sua sabedoria e por estar presente sempre que necessitei. Agradeço também à Camila Neves e à Regina Cohen por terem aceitado participar da banca deste trabalho e contribuírem com a minha formação. A todos os meus professores ao longo destes 4 anos de Faculdade, agradeço por todo conhecimento compartilhado dentro e fora de sala de aula.

Não poderia deixar de agradecer também a todos os meus amigos da Geo, que foram como uma família para mim e construíram os melhores momentos que tive dentro da universidade; levo vocês no coração, Augusto, Daniel, João Vitor, João Pedro, Leandro, Luiza, Marina e Vitória. Agradeço em especial à Vitória e Marina, por desde o primeiro dia terem me acolhido na faculdade e desde então não terem soltado a minha mão; nossa caminhada juntas não termina por aqui, ainda temos muito o que crescer e eu não poderia estar mais orgulhosa por estarmos fechando esse ciclo ao mesmo tempo. A minha amiga Luiza, por estar ao meu lado em todos os momentos e sempre me aconselhar da melhor forma, sua força e coragem me inspiram e sou extremamente grata por isso. Ao meu amigo Daniel, que desde que entrou na minha vida me proporcionou momentos incríveis e de muitas risadas, obrigada por trazer a leveza que eu precisava para a vida.

Agradeço aos meus amigos de Petrópolis, Bruna, Guilherme, Thais e Antonio, que mesmo com toda a distância, sempre estiveram ao meu lado, me dando a força que eu precisava para seguir meu caminho da melhor forma.

Por fim, agradeço à todas as mulheres agricultoras que se dispuseram a contribuir com o presente trabalho, como também, agradeço ao Coordenador do Programa de Agricultura Urbana do Rio de Janeiro, Márcio, pela disponibilidade e colaboração com a pesquisa realizada.

Resumo

Das hortas comunitárias aos cultivos em quintais - compreender as práticas agroecológicas exercidas pelas agricultoras é a chave para a resistência e sobrevivência de seus conhecimentos tradicionais sobre o solo. O papel desempenhado pelas mulheres nas hortas urbanas é essencial para a manutenção destas, entretanto, seu protagonismo não é percebido com a importância devida. Buscando evidenciar os esforços femininos na agricultura urbana, foram elaboradas entrevistas estruturadas com mulheres agricultoras de comunidades da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, com o objetivo de revelar e reconhecer o valor do solo para a manutenção da vida e desenvolvimento do trabalho. Com base no Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA, foi possível criar uma rede de contato de modo que a pesquisa fosse participativa, contemplando os relatos de experiência, técnicas de cuidados com o solo e destinação dos produtos gerados pelo trabalho das mulheres. Os resultados mostram que o protagonismo feminino vai muito além dos seus cultivos. Sua participação pode ser vista em diversos momentos de seu cotidiano, desde as atividades domésticas no próprio lar, até na contribuição pela segurança alimentar de sua comunidade. Espera-se que este trabalho colabore para a luta pela continuidade das culturas tradicionais em espaços urbanos e que suas práticas agroecológicas sejam valorizadas pela sociedade, bem como pelo meio acadêmico.

Palavras-chave: Protagonismo feminino; Hortas urbanas; Conhecimentos tradicionais.

Abstract

From community gardens to backyard cultivation - understanding the agroecological practices carried out by women farmers is key to the resistance and survival of their traditional knowledge about the soil. The role played by women in urban gardens is essential for their maintenance, however, their protagonism is not acknowledged with the importance it should. Aiming to highlight women's efforts in urban agriculture, structured interviews were carried out with Agricultural Women from communities in the metropolitan region of Rio de Janeiro, with the objective of revealing and recognizing the value of the soil for the maintenance of life and the development of work. Based on the AS-PTA's Urban Agriculture Program, it was possible to create a contact network so that the research was participatory, contemplating experience reports, soil care techniques and destination of products generated by women's work. The results show that the female role goes far beyond their crops. Their participation can be seen at different moments of their daily lives, from domestic activities to the contribution to food security in their community. It is expected that this work will contribute to the fight for the continuation of traditional cultures in urban spaces and that their agroecological practices will be seen by both society and the academy.

Keywords: Female protagonism; Urban cultivation; Traditional knowledge.

Lista de figuras

Figura 1 – Mapa de Localização dos arranjos locais presentes no Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA	26
Figura 2 – Localidades das Agricultoras Entrevistadas	28
Figura 3 – Faixa Etária das Mulheres Agricultoras	29
Figura 4 – Foto da Joselita em sua Horta	30
Figura 5 – Participação Feminina nos Processos de Agricultura	30
Figura 6 – Horta da Brisa	32
Figura 7 – Horta em Campo Grande, RJ	34
Figura 8 – Produtos gerados a partir das Hortas	34
Figura 9 – Horta de quintal	36
Figura 10 – Colheita na Horta da Brisa	37
Figura 11 – Destinação dos produtos gerados nas hortas	37
Figura 12 – Alimentos que irão compor as cestas básicas	39
Figura 13 – Existência de projetos de cartografia social nas comunidades	40
Figura 14 – Mulheres Agricultoras	42

Sumário

1. Introdução	11
1.1 Considerações iniciais/Justificativa	11
1.2 Objetivos	12
2. Revisão Bibliográfica	13
2.1. Panorama geral sobre a “AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia” e o “Programa de Agricultura Urbana”	13
2.2 Etnopedologia: a relação do saber tradicional com os solos	15
2.3 Participação feminina na agroecologia	18
2.4 Agroecologia Urbana e Periurbana	20
3. Metodologia	24
4. Resultados e Discussões	26
5. Considerações Finais	42
Referências	45
APÊNDICE A	48
APÊNDICE B	54
APÊNDICE C	56
APÊNDICE D	59
APÊNDICE E	61
APÊNDICE F	63
APÊNDICE G	65
APÊNDICE H	67

APÊNDICE I	69
APÊNDICE J	71
APÊNDICE K	74

1. Introdução

1.1 Considerações iniciais/Justificativa

A etnopedologia é a área do conhecimento científico que busca estudar as relações de saberes de populações tradicionais com os recursos do solo, levando em consideração o entendimento sobre a natureza e os valores da cultura e da tradição local (PEREIRA *et al.*, 2006). Segundo Ernesto Sobrinho (2015), a crescente preocupação com o desenvolvimento sustentável e uso adequado dos recursos naturais tem fomentado a necessidade de pesquisas com enfoque participativo, aproximando pesquisadores e agricultores familiares. Essa proximidade permite a compreensão da realidade local de uma comunidade, proporcionado assim, uma troca de saberes agroecológicos de uso e manejo dos solos.

O conhecimento popular é um dos principais instrumentos no que diz respeito a agroecologia, sendo fundamental no processo de planejamento de uso da terra – esse conhecimento popular é entendido como Etnopedologia (CARMO, 2009). A mesma autora ainda afirma que, esse termo pode ser definido como um conjunto de conhecimentos adquiridos por determinados grupos humanos, no que refere ao uso do solo e suas relações com o ambiente.

O protagonismo feminino na agroecologia vem sendo discutido cada vez mais no âmbito acadêmico e ganhando relevância nas diversas esferas do conhecimento, mesmo que já ocorra tal protagonismo e importância desde os primórdios da humanidade. De acordo com Antonio *et al.*, (2020), a identificação do feminino com a natureza e o emocional, em contraposição ao cultural hegemônico e racional, é a chave que abre a porta da falsa legitimidade ocidental para o controle e subordinação das mulheres. As mulheres possuem diversas atuações no processo produtivo agroecológico, desde a produção e processamento de alimentos, até a geração de renda e o desenvolvimento econômico e social/ambiental/cultural de suas comunidades.

Ainda assim, diversos estudos apontam que a divisão do trabalho por gênero na agricultura permite concluir que as mulheres ocupam uma posição subordinada, tendo seu esforço e trabalho rebaixado à “ajuda”, mesmo quando elas trabalham tanto quanto os homens, exercendo as mesmas atividades (BRUMER, 2004). Essa divisão distorcida do trabalho entre mulheres e homens, pode ser explicada pelas bases

sociais patriarcais em que estamos inseridos, que contribui para a ideia de que o homem ainda possui o papel primordial de toda a produção.

Nesse contexto, a pesquisa apresenta a importância e relevância do trabalho feminino nas hortas urbanas do Rio de Janeiro, evidenciando o papel exercido pelas mulheres em todo o processo de produção. Objetivou-se ainda, relacionar seus conhecimentos tradicionais com os conhecimentos científicos, a fim de corroborar para estudos mais conscientes e adequados para o manejo das terras. Espera-se também que, esse trabalho sirva como validação de todo o esforço e desempenho das mulheres nesse ambiente agroecológico.

1.2 Objetivos

Sendo assim, o objetivo principal deste trabalho consistiu em avaliar o crescente desenvolvimento etnopedológico dentro das comunidades urbanas da Região Metropolitana do Rio de Janeiro revelando e reconhecendo o valor do solo para a manutenção da vida e desenvolvimento do trabalho.

Pretendeu-se investigar a relação das mulheres, que fazem parte do “Programa de Agricultura Urbana” da AS.PTA Agroecologia e Agricultura Familiar, com o solo, a agroecologia e suas experiências, a fim de compreender suas relações e entendimentos tradicionais, comparado aos conhecimentos científicos pedológicos.

Portanto, este estudo procurou compreender como se dá a partição feminina na Agricultura Urbana, com o objetivo de confirmar a importância das mulheres no uso e conservação do solo em suas comunidades, através das seguintes etapas:

- Compreender a dinâmica de participação das mulheres durante o processo produtivo da agricultura urbana;
- Estabelecer quais são as atividades sustentáveis exercidas pelas mulheres nas comunidades presentes no “Programa de Agricultura Urbana”;
- Estudar as relações etnopedológicas destas comunidades;
- Identificar quais produtos são gerados através do Programa de Agricultura Urbana”; e se estes são para uso próprio da comunidade, ou se são para comercialização externa.

- Espacializar as informações geradas a partir da Agricultura Urbana da Cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de entender a dinâmica e o Trabalho exercido pelas Mulheres;
- Contribuir com um novo olhar da comunidade científica sobre o movimento feminista nas Hortas Urbanas.

2. Revisão Bibliográfica

2.1 Panorama geral sobre a “AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia” e o “Programa de Agricultura Urbana”

A AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia consiste em uma associação de direito civil sem fins lucrativos que, desde 1983 atua a favor do fortalecimento da agricultura familiar e a promoção do desenvolvimento sustentável no Brasil (AS-PTA, 2010). A AS-PTA possui forte atuação em diversas redes da sociedade, buscando sempre, enfrentar problemas relacionados à sustentabilidade agrícola, em luta pelas famílias agricultoras. Dentre seus diversos objetivos, é ressaltado pela AS-PTA (2010) que, suas redes de atuação além de constituírem com espaços de aprendizagem, elas também proporcionam ações articuladas de organizações e movimentos sociais, para que assim, consigam influenciar, implantar e monitorar políticas públicas.

É importante destacar que, a AS-PTA possui um amplo conjunto de parceiros de cooperação internacional e organismos privados e públicos nacionais, como a *ActionAid* Brasil, o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), a Fundação Banco do Brasil (FBB), *Greenpeace*, dentro outros. A partir deste apoio, vem sendo possível que a associação desenvolva temas de intervenção, que abarcam diversos assuntos relacionados à agroecologia, sendo eles: Acesso a mercados, Agrobiodiversidade, Agrofloresta, Construção do Conhecimento Agroecológico, Criação Animal, Financiamento da Transição Agroecológica, Infância e Juventude, Manejo da Água, Manejo Ecológico dos solos, Monitoramento da Transição Agroecológica, Mulheres na Agroecologia, Saúde e Alimentação e Transgênicos.

Tendo em vista os Temas de Intervenção, cabe ressaltar que tais temas e projetos são realizados pelos Programas da AS-PTA. O primeiro Programa inaugurado foi, o “Programa Paraná”, que teve seu início em 1994 em 3 Municípios

da Região do Contestado, situado na porção Sul do Estado, sendo posteriormente, ampliado para outros 16 Municípios.

O programa tem atuado na promoção de processos de inovação agroecológica em torno de vários temas relacionados à produção agrícola e pecuária, com destaque para o resgate da agrobiodiversidade, manejo agroflorestal, conservação dos solos e acesso aos mercados. As ações beneficiam diretamente 3.000 famílias da região. (AS-PTA, 2011).

Ainda de acordo com a AS-PTA, este Programa Paraná é tido como referência nacional e internacional para a promoção da sustentabilidade da agricultura familiar, em particular, o tema da conservação da biodiversidade.

A Associação conta também com o “Programa Paraíba”, que possui atuação em 13 municípios compreendidos pela região de abrangência do Polo Sindical e das Organizações da Agricultura Familiar da Borborema. Suas principais áreas de atuação consistem nas temáticas de recursos hídricos, agrobiodiversidade, criação animal, saúde e alimentação, cultivos ecológicos, comercialização, mulheres juventude camponesa, infância e educação. Tal Programa, auxilia redes de inovação agroecológica, que beneficiam mais de cinco mil famílias agricultoras do Território da Borborema (AS-PTA, 2010).

E por fim, o “Programa de Agricultura Urbana”, que será o eixo de estudo deste trabalho. Inaugurado em 1999 na Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, o Programa conta com a parceria de grupos informais de agricultores urbanos, agentes de saúde e agentes da Pastoral da Criança. De acordo com a AS-PTA (2010), o trabalho é desenvolvido em pequenos espaços de comunidades dentro da cidade do Rio de Janeiro, estimulando o aproveitamento do território, o cultivo de alimentos, plantas medicinais e criações de animais, sempre com um enfoque agroecológico.

O trabalho é desenvolvido a partir do reconhecimento e da valorização das experiências espontâneas e dos conhecimentos dos moradores, da facilitação do acesso aos conhecimentos técnicos apropriados, do incentivo à experimentação, bem como do apoio a variadas formas de organização local. (AS-PTA, 2010).

Ainda assim, o Programa de Agricultura Urbana atua veementemente no incentivo a Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro (AARJ) – que consiste em uma rede de organizações da sociedade civil e órgãos públicos, direcionada à

Promoção da agroecologia no Estado – como também, integra a Rede Latino-americana de Agricultura Familiar Urbana (Rede Aguila).

Com o intuito de ampliar as oportunidades de ocupação econômica e de geração de renda para agricultores periurbanos, o Programa em questão vem, cada vez mais, fechando parcerias locais, como com a Univerde, Coopagé, CPT e a Rede Carioca de Agricultura Urbana, além de manter laços com Instituições de Ensino e Pesquisa como a Embrapa Solos, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e a Universidade Federal Fluminense (UFF) (AS-PTA, 2010). Fruto destes laços criados, o Programa possui uma forte base de apoio com o “Projeto Sertão Carioca: conectando Cidade e Floresta: um olhar agroecológico para a conservação do solo”. Criado recentemente, o Projeto apoia e fortalece o manejo agroecológico dos solos, que vem sendo praticado pelas comunidades tradicionais e quilombolas, da unidade de conservação do Parque Estadual da Pedra Branca, situado na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro (AS-PTA, 2021). De acordo com Monteiro e Mendonça (2007), a AS-PTA

[...] desenvolve um programa de agricultura urbana, em comunidades de baixa renda, na cidade do Rio de Janeiro, em parceria com diversas organizações comunitárias. O programa tem o objetivo de incentivar o aproveitamento dos diversos espaços dentro da cidade para a prática da agricultura, tendo por base os princípios da agroecologia. Busca-se a valorização dos saberes dos moradores e o melhor aproveitamento dos recursos disponíveis localmente. São estimulados os cultivos diversificados, com espécies e variedades adaptadas a cada espaço, e o uso de insumos orgânicos existentes na região (não uso de agrotóxicos e manutenção e melhoria da capacidade produtiva dos solos). A base metodológica do trabalho é a participação ativa dos moradores das comunidades, a partilha dos conhecimentos, o fortalecimento e protagonismo das organizações locais e o incentivo à experimentação (HALDER, *et al.*, 2008, p.6).

Cabe ainda ressaltar que, o Programa de Agricultura Urbana conta com uma vasta equipe multidisciplinar, sendo o Coordenador do Programa o Mestre Márcio Mendonça (Agrônomo), que gentilmente se colocou à disposição para contribuir com as pesquisas do presente trabalho.

2.2 Etnopedologia: a relação do saber tradicional com os solos

O conhecimento a respeito dos solos e seu manejo é algo antigo, que vem sendo desenvolvido desde o princípio da civilização humana. É a partir do momento que o ‘Homem’ começa a cultivar seu próprio alimento e criar raízes com a terra, seu lugar

de fixação, que os solos passam a desempenhar um papel fundamental para sua existência. Lepsch (2002) destaca que, ao escolher estes locais para estabelecer suas terras e nelas cultivar, muito provavelmente, as civilizações adquiriram um conhecimento próprio a partir de sua experiência com os recursos.

De acordo com Carmo (2009), compreender como os agricultores trabalham a terra, considerando que esta é uma tarefa que resulta da combinação não apenas dos elementos do meio, mas também da cultura e da sócio-economia, é um dos principais objetivos de uma ciência que tem ganhado expressão, principalmente a partir da década de 1980, a Etnopedologia. Este conceito – *Etnopedologia* – refere-se aos estudos de interfaces entre grupos sociais, os solos e outros componentes dos ecossistemas, ou seja, seus conhecimentos locais, atrelados ao uso e manejo do solo – é a relação comunidade-solo homem-natureza (ALMEIDA, 2019).

A etnopedologia possui seu foco nas teorias locais sobre a dinâmica do solo e suas propriedades, envolvendo o manejo e percepção das relações solo-planta (ARAÚJO *et al.*, (2013). Os referidos autores ainda destacam que, podemos caracterizá-la como um meio de compreender a realidade local e a relação com os recursos do solo de uma determinada comunidade. Concordante a esse pensamento, Almeida (2019) complementa que este termo foi adotado pelas ciências como um diálogo entre saberes populares e saberes técnicos sobre os solos.

Os estudos etnopedológicos facilitam o resgate do saber tradicional e possibilitam a interlocução destes com o conhecimento do meio científico, que por sua vez, auxiliam na caracterização pedológica e dos ambientes do território, colaborando no planejamento de uso sustentável dos solos (MATOS *et al.*, 2014). Esses conhecimentos possuem forte relação com a agricultura, uma vez que o saber local dos agricultores funciona como ferramenta de grande interesse para a aprimoração das avaliações de qualidade do solo (AUDEH *et al.*, 2011).

Além disso, a abordagem etnopedológica está presente, por vezes, na origem das pesquisas realizadas por cientistas de solos, pois faz parte da fase inicial de trabalhos de campo a coleta de informações junto à população local sobre algumas características dos solos pesquisados (MELO *et al.*, 2010). De acordo com Fernandes *et al.*, (2008), apesar de o saber tradicional ser uma ferramenta útil de referência no levantamento de informações de solos, que por vezes, auxilia no planejamento do uso da terra, no que se refere aos solos,

[...] o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (Embrapa, 1999), não considera os saberes dos agricultores, os quais geralmente dispõem de bom acúmulo de informações sobre a evolução temporal da paisagem e do solo da região onde vivem. (FERNANDES *et al.*, 2008, p. 1356).

Não obstante, no âmbito científico-acadêmico ainda é possível notar um afastamento em relação aos saberes tradicionais. Os desafios em torno da legitimação dos saberes de populações camponesas são de longa data, havendo grandes avanços nas últimas décadas, através da comprovação da eficácia e eficiência, de sistemas agroecológicos (PAPROSQUI *et al.*, 2021). Nesse sentido, os autores destacam que a aproximação dos conhecimentos acadêmicos com os conhecimentos tradicionais, pode dar subsídios importantes para a emancipação de agricultores que ousam pensar alternativas contra um sistema hegemônico e uma agricultura voltada a monocultivos em larga escala.

De acordo com Audeh *et al.*, (2011), a interação entre os saberes dos pesquisadores com instrução formal em ciência do solo e os saberes locais das populações tradicionais, pode ser facilitada através do arcabouço teórico e metodológico da pesquisa participativa. Ainda afirmam que,

[...] deve-se contar com os conhecimentos e as experiências das comunidades, assim como os conhecimentos e as experiências científicas desenvolvidas nas universidades e instituições com este fim. Assim, a pesquisa participativa tem como premissa básica a participação das famílias agricultoras na construção do conhecimento, através da validação das suas percepções acerca das características regionais, constituindo um processo de investigação-ação e uma proposta de um caminho que vise fortalecer mudanças para uma vida melhor no meio rural. (CASALINHO *et al.*, 2007 *apud*, AUDEH *et al.*, 2011, p. 36).

Estudos feitos no semiárido brasileiro corroboram ainda com esta ideia. Matuk *et al.*, (2016) destacam que uma avaliação comparativa do conhecimento local e do conhecimento científico revelou que, ambos os sistemas possuem significados simbólicos, práticos, lógicos e funcionais distintos, e que mesmo assim, a diferenciação dos solos e paisagens é feita de maneira semelhante. As mesmas pesquisas ainda apontaram que, a comunidade quilombola local escolhida para análise, possui um conhecimento consistente a respeito dos solos de suas terras, o que facilitou bastante os estudos científicos da área, quando foi necessário elaborar o banco de dados e mapas pedológicos.

Destaca-se que, a etnopedologia busca uma abordagem mais integradora da ciência do solo, com o intuito de proporcionar uma visão científica mais engajada com

as populações humanas consideradas tradicionais ou locais. Como é destacado por Cabral *et al.*, (2014), a abordagem tradicional dos solos é extremamente útil nos estudos científicos, ajudando na obtenção de informações e em uma melhor compreensão dos sistemas locais de uso e manejo das terras. Sendo assim, é de grande importância que o saber científico ande lado-a-lado com os conhecimentos tradicionais, quando objetiva-se estudar o uso e ocupação dos solos dentro de tais comunidades.

2.3 Participação feminina na Agroecologia

O protagonismo feminino na agricultura ocorre desde os primórdios da humanidade. Pescadoras, agricultoras, poetisas, artesãs, indígenas, presidentes e quilombolas – a diversidade de atuação das mulheres rurais se reflete no campo. Entretanto, ainda vistas como meramente ajudantes, as trabalhadoras rurais se destacam em todas as etapas do processo produtivo de alimentos, como, nas atividades relacionadas à geração de renda e ao desenvolvimento econômico e social no campo (ANTONIO *et al.*, 2020).

De acordo com Brumer (2004), diversos estudos examinaram a divisão do trabalho por gênero na agricultura, permitindo concluir que as mulheres ocupam uma posição subordinada e seu trabalho geralmente aparece como ‘auxílio’, mesmo quando trabalham tanto quanto os homens, ou até, quando executam as mesmas funções. A referida autora destaca ainda que, essa posição de subordinação das mulheres na esfera produtiva da agricultura é evidenciada quando: as tarefas executadas no âmbito produtivo, só aparecem como ajuda; seu trabalho nessa esfera é praticamente invisível, tendo em vista que muitas vezes é praticado no interior dos estabelecimentos, enquanto os homens são os únicos responsáveis pelos contatos com o exterior; e quando julgam que as mulheres não possuem o conhecimento tecnológico necessário para administrar o estabelecimento agropecuário (BRUMER, 2004).

Por outro lado, é extremamente importante evidenciar que, as tarefas executadas, principalmente pelas mulheres, caracterizam-se pelos processamentos dos produtos agrícolas, pelos trabalhos na horta, tendo maior evidência nos produtos destinados ao consumo da própria família, além de executarem tarefas fora da

produção, como no trabalho doméstico – onde o papel feminino é fundamental para o bom funcionamento da casa.

Desde a produção no campo, até os trabalhos na unidade familiar, as mulheres assumem desafios de conciliar suas diversas funções, ao mesmo tempo que, também desafiam o modo de produção convencional, ao colocar em prática saberes adquiridos de outras gerações (KARAM, 2004). De acordo com Pastore (2005), as últimas décadas do século XX foram marcadas por transformações na agricultura brasileira, expressas como ‘modernizações tecnológicas’ – *revolução verde* – expressão tirada de uma ideia de desenvolvimento e progresso agrícola, logo após a Segunda Guerra Mundial. O referido autor ainda destaca que,

Esse modelo de produção agrícola condicionou a incorporação de diferentes famílias rurais, principalmente as de agricultura familiar, visando aumentar a produção para exportação. Essa nova lógica de produção aumentou os custos, principalmente, com insumos e máquinas, sendo que a rentabilidade quase sempre significou perdas para as famílias rurais. [...] com o passar do tempo e a intensificação do processo de modernização, os problemas foram aumentando, principalmente devido aos seus impactos ambientais, sociais e econômicos, principalmente nos países subdesenvolvidos, relacionados ao aumento da pobreza no campo e o conseqüentemente êxodo rural. (PASTORE, 2005, p.3).

Todos esses fatores resultam em diversas críticas ao padrão tecnológico vigente, que tanto pelo ponto de vista econômico, como pelo ponto de vista ambiental, é tido, no geral, como um padrão insustentável, que acaba por invisibilizar as populações rurais, principalmente as mulheres, que são seres sociais já fragilizados por esse sistema.

A resposta a esses Sistemas Modernos de Agricultura são os Sistemas Agrícolas Sustentáveis, que de acordo com Antonio *et al.*, (2020),

Como movimento social e político, o termo agroecologia abrange posturas críticas ao modelo dominante de desenvolvimento agrícola. Nessa perspectiva, critica severamente a política de acesso à terra, às formas tecnológicas modernas de produção agrícola. A agroecologia busca novas formas de produzir alimentos saudáveis para todas as populações (Leon-Sicard, T., 2019), em igualdade de condições na perspectiva de gênero. (ANTONIO *et al.*, 2020, p. 75).

Entretanto, não é só no campo que esse termo possui influência. A Agroecologia Urbana surge como pequenas áreas dentro de uma cidade, ou seu entorno (peri-urbana), destinadas à produção de cultivos para utilização e consumo próprio ou para a venda em pequenas escalas, como os mercados locais (ROESE, 2003). Ainda de acordo com Roese (2003), o que difere a agricultura urbana da rural é a área destinada às práticas; a agricultura urbana pode ser realizada em canteiros suspensos,

pequenas hortas em comunidades, vasos dentro de casa, ou seja, qualquer área disponível para a prática. Além disso, a agricultura urbana é uma prática essencial às cidades, visto que na maioria das vezes, os quintais domésticos e/ou terrenos baldios em áreas periféricas, destinam-se ao acúmulo de lixo (RIBEIRO *et al.*, 2015). As autoras destacam que, o aproveitamento destas áreas para a agricultura urbana, proporciona melhoria considerável ao ambiente local, impactando positivamente na saúde das pessoas.

É nesse contexto que, as mulheres ganham novamente um grande destaque. Exemplificado por Silva *et al.*, (2020), as mulheres são um grupo social crucial para o desenvolvimento da agricultura urbana mundial, como foi observado por Hovorka *et al.*, (2009) *apud* Silva *et al.*, (2020), ao demonstrarem o papel feminino na agricultura urbana em diferentes partes do globo terrestre. As questões relacionadas ao gênero se apresentam como um fator chave para a propagação e conservação do saber tradicional em práticas de agricultura urbana, pois é a partir do protagonismo feminino, que é possível promover a segurança alimentar urbana e a manutenção dos saberes tradicionais do uso e manejo dos solos (SILVA *et al.*, 2020). O entendimento deste fenômeno é extremamente necessário para a legitimação das relações femininas agroecológicas das terras urbanas, entretanto, este é um assunto pouco abordado e reconhecido pelo meio acadêmico, que acaba por contribuir, de certa forma, com a invisibilidade da participação das mulheres, juntamente com suas práticas e experiências.

2.4 Agroecologia Urbana e Periurbana

A vida em aglomerados urbanos produz ressignificação de espaços. O espaço urbano, impermeabilizado e, em muitos casos, reduzido, impossibilita uma série de atividades que eram praticadas no meio rural (ARAÚJO *et al.*, 2019). No Brasil, é a partir da elaboração da Política Nacional de Agricultura Urbana e Periurbana (PNAUP) que essas questões têm sido levantadas e vencidas. Esta política retrata um esforço coletivo de diversos pesquisadores de diferentes partes do país, vinculados a diferentes organizações e movimentos sociais, setores governamentais e acadêmicos, que formularam diretrizes e princípios para a promoção da agricultura urbana no Brasil (ALMEIDA, 2016).

De acordo com Ribeiro *et al.*, (2015), a temática da Agricultura Urbana e Periurbana (AUP) deve ser compreendida dentro do cenário das mudanças da sociedade contemporânea em que se destacam múltiplos fenômenos como a globalização, o avanço das tecnologias da informação, a estruturação de um sistema agroalimentar com forte repercussão nos hábitos alimentares, além do predomínio das monoculturas no meio rural. No âmbito da proposta da política citada, a AUP pode ser entendida como um conceito multidimensional, que inclui três esferas: produção, transformação e serviço – sendo ela capaz de gerar produtos agropecuários voltados ao autoconsumo, às trocas, às doações e à comercialização de forma sustentável (ALMEIDA *et al.*, 2018).

É possível relacionar o desenvolvimento da AUP com o crescimento demográfico e econômico das cidades, uma vez que este movimento contribui para a (re)configuração dos espaços urbanos através do uso do solo, das estruturas populacionais, das práticas sociais, entre outros fatores (RIBEIRO *et al.*, 2015). A agricultura urbana e periurbana é capaz de amenizar alguns dos tantos problemas das cidades, principalmente, os relacionados à alimentação, saúde, meio ambiente e geração de renda.

A estreita relação entre a alimentação e a AUP se dá através da destinação dos produtos gerados, que neste caso, são utilizados para consumo próprio ou à comercialização em mercados locais, beneficiando diretamente toda a população próxima (RIBEIRO *et al.*, 2015). O autor ainda destaca que, em relação à saúde, a AUP fortalece e promove a segurança alimentar e nutricional (SAN), uma vez que a população passa a ter acesso à alimentação básica, segura e de qualidade, em quantidade suficiente, de modo permanente, sem comprometer o acesso a outras necessidades básicas.

No tocante ao meio ambiente, a AUP contribui para o desenvolvimento da biodiversidade, proporcionando um melhor aproveitamento dos espaços e um manejo adequado dos recursos do solo e da água (RIBEIRO *et al.*, 2015). Atrelado a todos esses fatores, os produtores urbanos e periurbanos por possuírem a possibilidade de comercialização local de seus produtos, conseguem gerar uma renda extra à suas famílias, contribuindo para o desenvolvimento econômico da região.

A agricultura urbana é uma das possibilidades de socialização e resgate de conhecimentos tradicionais, principalmente, quando, utiliza-se de pequenos espaços sob um viés agroecológico. Para isto, a sustentabilidade da agricultura urbana deve

estar apoiada no manejo agroecológico, que inclui o uso de substratos e manejo orgânico do solo, técnicas de rotação, entre outros (AQUINO e ASSIS, 2007). Além disso, outro fator de importante relevância, é o compromisso que esses sistemas possuem de manter e/ou recuperar a biodiversidade dos agroecossistemas e do entorno, possibilitando agregar valor naquele espaço vivido, e conseqüentemente, em seus produtos ali gerados.

Entretanto, apesar de seu caráter múltiplo ser benéfico de diversas formas, a heterogeneidade da agricultura urbana também corrobora para diversos desafios, principalmente quando se trata de políticas públicas, que hoje, pouco têm conseguido contemplar as demandas necessárias das atividades de produção agrícola nos aglomerados urbanos brasileiros (PRADO *et al.*, 2012).

A ausência de controle social das ações implantadas, a falta de um marco regulatório para o financiamento de projetos executados por organizações da sociedade civil, a desconsideração das redes e arranjos locais preexistentes e a negligência quanto à multiplicidade de funções da agricultura urbana e periurbana comprometeram o sucesso dessas políticas. (MENDONÇA, 2012, p.5).

Sua existência e permanência são questionadas por aqueles que a veem como um paradoxo ou moda passageira, invisibilizando cada vez mais, àqueles que dependem desta agroecologia para sobrevivência. É nesse contexto que, para enfrentar tais dificuldades, sejam criados Programas de incentivo à agroecologia, como ocorre na cidade do Rio de Janeiro, como o Programa de Agricultura Urbana, que através dos arranjos locais, garante a permanência dessas práticas e permite uma maior participação dessa população em diferentes espaços e esferas institucionais, na busca por visibilidade no âmbito das políticas públicas voltadas para a agricultura familiar.

A cidade do Rio de Janeiro é um território de muitos conflitos e disputas, mas também, possui um forte cenário de resistência. É através da permanência das bases agroecológicas familiares e camponesas que podemos observar as lutas ali presentes. Nesse contexto, Levebre (1968) destaca,

Entre as malhas do tecido urbano persistem ilhotas e ilhas de ruralidade “pura”, torrões natais frequentemente pobres (nem sempre), povoados por camponeses envelhecidos, mal “adaptados”, despojados daquilo que constitui a nobreza da vida camponesa nos tempos de maior miséria e da opressão. A relação “urbanidade ruralidade”, portanto, não desaparece; pelo contrário, intensifica-se, e isto mesmo nos países mais industrializados. Interfere com outras representações e com outras relações: cidade e campo, natureza e facticidade etc. Aqui ou ali, as tensões tornam-se conflitos, ou conflitos latentes se exasperam; aparece então em plena luz do dia aquilo que se escondia sob o “tecido urbano”. (LEFEBVRE, 1991, p. 19).

Destaca-se a Zona Oeste do Rio de Janeiro – o Sertão Carioca – principalmente, as regiões administrativas de Campo Grande, Santa Cruz e Guaratiba, que carregam uma forte história ligada à agricultura (JOMALINIS, 2014). A distância entre esses bairros com o Centro da cidade, fez com que fossem desenvolvidas ali, atividades de artesanato, pecuária e horticultura, influenciando diretamente na economia da região. Ainda hoje, é possível encontrar a tradição bastante presente na população, mesmo com diversos processos de transformação e urbanização da cidade. Prado *et al.*, (2012) acrescenta ainda a necessidade latente da luta para garantir a permanência e a sobrevivência de tais agricultores, que dependem dessas atividades para geração de renda, ou que, de alguma forma, batalham para manter suas raízes e culturas vivas.

A luta por autonomia tem como objetivo e materializa-se na criação e no desenvolvimento de uma base de recursos autogerida, envolvendo tanto recursos sociais como naturais (conhecimento, redes, força de trabalho, terra, gado, canais de irrigação, terraços, esterco, cultivos e etc.). A terra constitui pilar central dessa base de recursos, não só do ponto de vista material, mas também simbólico – ela representa o suporte para atingir um certo nível de independência (PETERSEN, 2009). O elevado valor das terras, a crescente especulação imobiliária e a pressão para a construção de novas unidades habitacionais são desafios enfrentados não só por moradores da Zona Oeste do Rio, mas também, por habitantes de todas as grandes Metrôpoles Brasileiras.

Ainda hoje, o acesso dos agricultores urbanos às políticas públicas de apoio à agricultura familiar e seus direitos, são restritos. A construção de cadeias curtas de comercialização, os empreendimentos associativos, a gestão de recursos coletivos (água, sementes, terra etc.), os mutirões e os sistemas de troca-dia são alguns exemplos de dispositivos sociais que permitem que o agricultor construa uma relativa autonomia em relação ao intercâmbio capitalista (PETERSEN, 2009).

Nessa perspectiva, a agricultura urbana apresenta-se como uma possibilidade de reinvenção crítica do ser e do estar no espaço urbano. É, portanto, a celebração da diferença e a afirmação da diversidade em meio a tentativas massivas de padronização de modos de vida, desejos, relacionamentos e pensamentos (ALMEIDA *et al.*, 2016). Esta, é uma caminhada longa, que demanda de esforços políticos e sociais, para que assim, seja possível avançar na compreensão da importância e na potencialidade que agricultura urbana possui como transformadora social nos grandes centros.

3. Metodologia

Para a realização do trabalho, foi utilizado o método exploratório de Pesquisas de Campo. Porém, devido as novas condições de Pandemia da Covid-19, o trabalho teve de ser adaptado as regras sanitárias, de modo que toda a pesquisa foi realizada de forma remota. Sendo assim, para alcançar as Pesquisas de Campo, o trabalho foi dividido em duas etapas, sendo elas: o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo através da Entrevista Estruturada.

No levantamento bibliográfico, buscou-se abordar os principais temas relacionados à pesquisa, iniciando por um panorama geral da AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia e do Programa de Agricultura Urbana, seguido por uma revisão dos conceitos de Etnopedologia, Participação Feminina na Agroecologia e por fim, uma revisão sobre Agroecologia Urbana e Periurbana. Esta revisão se faz necessária para compreender, sob uma visão geral, de como se dão as relações de agricultura familiar/tradicional desde o campo, até o momento em que chega nos centros urbanos.

Toda a pesquisa para o Levantamento Bibliográfico se deu através de artigos científicos publicados em revistas e anais de eventos e livros didáticos disponíveis *online*.

A segunda etapa teve como foco a área de estudo desejada ao trabalho. Para isso, foi realizado um levantamento de dados (a partir de artigos, matérias de sites, redes sociais, dentro outros) a respeito exclusivamente do “Programa de Agricultura Urbana”. Para se obter as informações das mulheres agricultoras do Programa, é necessário criar um vínculo entre o pesquisador e o pesquisado. É essencial para a pesquisa criar um ambiente direto de diálogo com o saber produzido a partir da experiência, como é o caso em questão.

Para isso, de acordo com Carmo (2009), é primordial conhecer como os agricultores lidam com a terra, aqui entendida tanto como substrato quanto do uso que dele se faz. É uma pesquisa que para alcançar os resultados esperados demanda um plano de trabalho, meios adequados e confiáveis. Em outras palavras de uma boa pesquisa depende um bom método (CARMO, 2009). Para que o método seja desenvolvido plenamente, é preciso considerar a perspectiva das agricultoras sobre o fenômeno de uso da terra em seu cotidiano. A pesquisa precisa ser participativa, para que as experiências e conhecimentos sejam compartilhados na maneira correta.

A partir desta visão, foi elaborado uma Entrevista Estruturada, adaptada à pesquisa remota através do aplicativo de mensagens *'whatsapp'*. O tipo de entrevista escolhida para a pesquisa segue uma padronização de perguntas, previamente definidas pelo pesquisador, com um público selecionado de acordo com os planos de trabalho, para que assim, seja possível comparar as respostas, identificando semelhanças e diferenças entre as respostas.

Primeiramente, para a elaboração da entrevista foi definida a amostra, ressaltando que, diferente de um questionário, a entrevista não requer um número grande de respondentes – o instrumento se preocupa com a qualidade e não com a quantidade (Redação, 2021). Neste caso, a amostra escolhida foram mulheres agricultoras do município do Rio de Janeiro. O primeiro contato foi através do Coordenador do Programa de Agricultura Urbana, Márcio Mendonça, que solicitou às agricultoras integrantes disponibilizar o número de celular, para que assim fosse possível entrar em contato para a realização da entrevista.

É válido destacar que, em situações normais de pesquisa, esta entrevista poderia ser conduzida presencialmente, atrelando dois “fatores-chave” para a pesquisa: experiência vivida pelo pesquisador no local de pesquisa e respostas obtidas através da entrevista. Entretanto, neste caso, só foi possível executar as perguntas remotamente, modificando a parte da experiência do pesquisador.

A Entrevista Estruturada conta com 13 perguntas, sendo ela elaborado com uma linguagem simples e informal, para que assim, a experiência de resposta fosse o mais próxima possível entre o ‘entrevistador-entrevistado’. A escolha das perguntas foi baseada nos objetivos do trabalho, de forma a abranger todas as temáticas tratadas. Sendo assim, as perguntas são:

1. Em qual comunidade você reside atualmente?
2. Qual a sua idade?
3. Com quantas pessoas você mora?
4. Você realiza atividades domésticas em seu lar?
5. Você se considera a maior responsável por tais atividades?
6. Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?
7. Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo?
8. Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas feitas no mesmo local?
9. Quais produtos são gerados a partir das hortas?

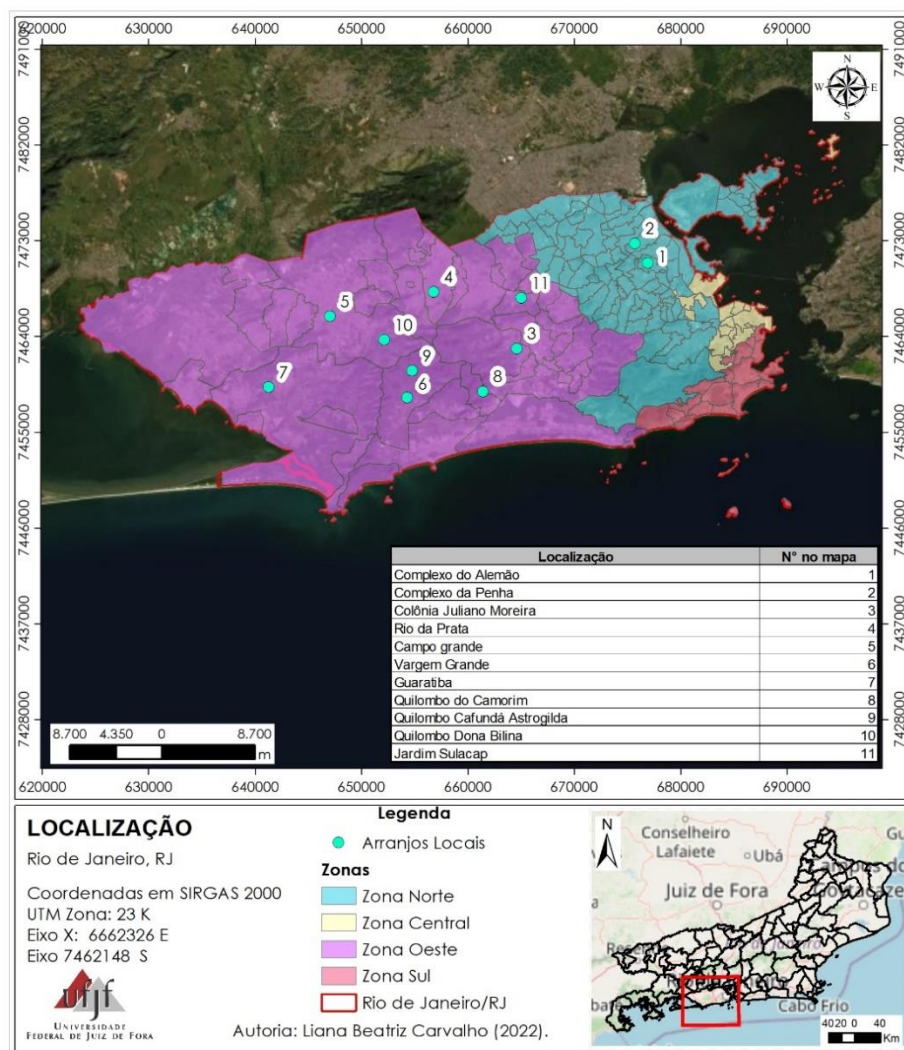
10. Esses produtos são para uso local da comunidade ou para comercialização?
11. Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?
12. Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

4. Resultados e Discussões

Como ressaltado anteriormente, a AS-PTA estimula através de práticas agroecológicas, o aproveitamento dos diversos espaços dentro das cidades para a prática agropecuária. Sua base metodológica é a participação ativa dos moradores das comunidades, a troca de saberes sempre foi uma questão primordial para os trabalhos realizados no Programa de Agricultura Urbana do Rio de Janeiro. Sendo assim, os resultados e reflexões que seguem foram produzidos e pensados por estes princípios.

O Programa de Agricultura Urbana do Rio de Janeiro conta com 11 localidades denominadas “Arranjos Locais”, que podem ser encontrados no Complexo do Alemão, Complexo da Penha, Colônia Juliano Moreira, Guaratiba, Campo Grande, Vargem Grande, Rio de Prata, Quilombo do Camorim, Quilombo Cafundá Astrogilda, Quilombo Dona Bilina e Jardim Sulacap (Figura 1).

Figura 1 - Mapa de Localização dos arranjos locais presentes no Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA



Fonte: Autoria Própria (2022).

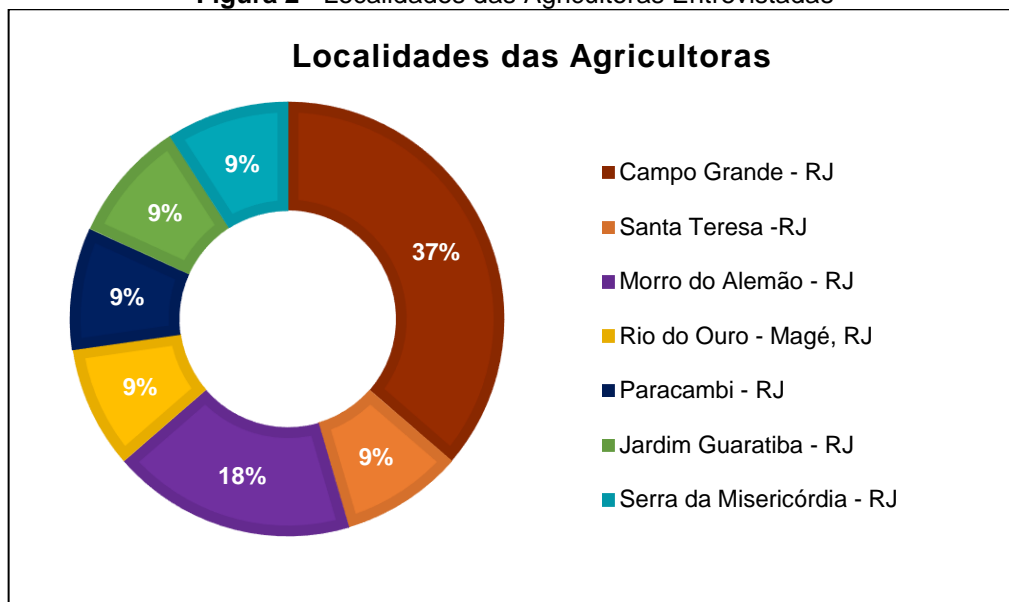
Germinadores de espaços de convivência, os Arranjos Locais possuem como objetivo pensar coletivamente estratégias e desenvolver ações diversas, que impulsionem o debate sobre alimentação, saúde e agroecologia no território. São nesses espaços que a comida de verdade faz parte da realidade local. É a partir dos vasos de alfavaca, canteiros com temperos, garrafas com pimentas e panelas velhas com bolso, que os frutos começam a nascer. Quando se está conectado em rede, entende-se a potência de um gesto cotidiano de plantar e cuidar da terra para obter uma couve, uma cebolinha, uma salsa, seu próprio alimento e de forma sustentável (AS-PTA, 2018).

Entende-se que a troca de saberes é uma prática primordial para a organização dos Arranjos Locais. Os dados a serem trabalhados foram adquiridos a partir de entrevistas estruturadas realizadas com 11 mulheres agricultoras no ano de 2022, servindo como instrumento para a melhor compreensão da dinâmica existente nas

hortas do Rio de Janeiro, assim como, um relato de experiência vivida e de seus conhecimentos tradicionais.

A partir das respostas obtidas, verificou-se os territórios de residência destas, sendo Campo Grande o local com maior número de entrevistadas (4), seguido pelo Morro do Alemão (2) e Santa Teresa (1), Rio do Ouro (1), Paracambi (1), Jardim Guaratiba (1) e Serra da Misericórdia (1) com o mesmo número de representantes, como é possível observar na Figura 2.

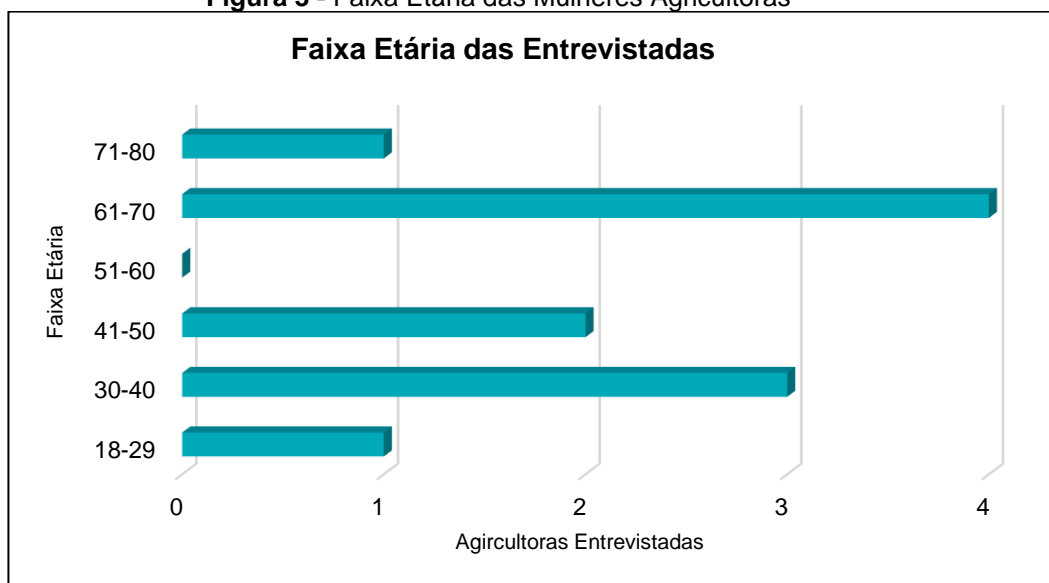
Figura 2 - Localidades das Agricultoras Entrevistadas



Fonte: Autoria Própria (2022).

Como ilustrado acima, 64% das Agricultoras entrevistadas residem em locais abarcados diretamente pelo Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA, como é o caso de Campo Grande, Morro do Alemão e Serra da Misericórdia. Entretanto, 36% moram em espaços que não são ligados diretamente ao Programa (Santa Teresa, Rio do Ouro, Jardim Guaratiba e Paracambi). Isso se dá pela multiescalaridade dos arranjos locais, que permite uma troca entre diferentes comunidades, possibilitando que a entrevista fosse realizada com agricultoras de diversas regiões do município.

Em relação a faixa etária, das 11 agricultoras entrevistadas, quatro (4) estão na faixa dos 61 aos 70 anos, enquanto três (3) estão na faixa dos 30 aos 40, duas (2) dos 41 aos 50, seguida por uma (1) entre os 18 aos 29 e uma (1) na faixa dos 71 aos 80 anos (Figura 3).

Figura 3 - Faixa Etária das Mulheres Agricultoras

Fonte: Aatoria própria (2022).

Compreender o papel de gênero na agricultura é importante uma vez que a terra possui um significado que vai muito além dos valores econômicos. Ao reunir os esforços da família na produção, o que, em termos de renda, gera benefícios para todos os agentes envolvidos, acaba reproduzindo os traços patriarcais, com o homem sendo visto como responsável pelo provimento familiar, enquanto a mulher aparece como uma ajudante ou auxiliar ao trabalho masculino (LOVATTO et al., 2010). As mulheres exercem um forte protagonismo na agricultura, mas também, são protagonistas do próprio lar, realizando uma dupla jornada de trabalho, mesmo que esses trabalhos não sejam remunerados e sim, para consumo próprio e familiar.

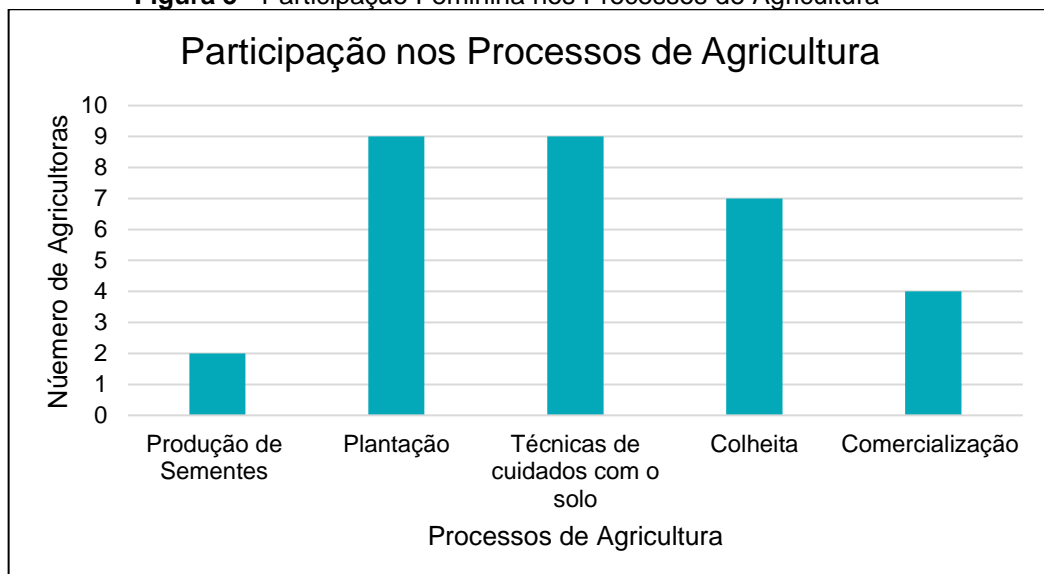
Visto isso, constatou-se que 100% das mulheres entrevistadas realizam atividades domésticas no próprio lar, sendo que, 60% se consideram as únicas responsáveis por tais tarefas. Joselita (Figura 4), de 70 anos, moradora de Campo Grande, relatou que,

“[...] as atividades da minha casa, eu quem faço tudo, eu que resolvo tudo, tudo que eu tenho para resolver, sou eu que faço. Eu sou uma mulher bem ativa, bem decidida, com as minhas faculdades mentais normais, sou bem forte. Eu gosto muito de flores também, eu faço um trabalho na minha paróquia de ornamentar a igreja com flores naturais. [...] Eu faço todos os meus trabalhos de casa, tudo que têm que resolver, sou eu que faço. Sou a mulher e o homem da casa.” (Informação Verbal, apêndice A).

Figura 4 – Foto da Joselita em sua Horta

Fonte: Fotografia adquirida durante a Entrevista (2022).

Estudos levantados em 2019 pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP), da Fiocruz, apontaram que 70% dos agricultores da capital fluminense são mulheres. A atuação delas nas hortas ocorrem de múltiplas formas, como apresentado pelos resultados da pergunta número 6 da entrevista. Observando os dados da Figura 5, é possível averiguar que as Agricultoras realizam atividades desde a Produção de sementes até a comercialização.

Figura 5 - Participação Feminina nos Processos de Agricultura

Fonte: Autoria Própria (2022).

Destaca-se que todas as Agricultoras que participam da Plantação, também adotam técnicas de cuidados com o solo. Marina, estudante de Biologia, 23 anos, relata que utiliza da compostagem para cuidar de suas hortas,

“[...] faço compostagem com resíduos domésticos como cascas, restos de comida e restos de poda; adubação verde com o plantio de espécies pioneiras e leguminosas para incorporação de matéria orgânica no solo (pioneiras como a bananeira, o pau formiga, margaridão, e leguminosas como feijão-de-porco, mucuna e crotalária)”. (Informação Verbal, apêndice J).

Assim, como Marina, outras agricultoras também optam por utilizar a compostagem a partir de resíduos de alimentos. Os documentos das organizações internacionais que fomentam a agricultura no mundo, como ‘*Food and Agriculture Organization*’ – FAO (1999) e ‘*Resource Centres on Urban Agriculture & Food Security*’ – RUAF (MOUGEOT, 2005) apontam como benefícios da agricultura urbana a ciclagem dos resíduos orgânicos não só como fonte de nutrientes para o solo, mas também, pelo seu papel de evitar a grande circulação de matérias dessa natureza nas cidades – estes, que quando gerados de maneira abundante e sem destinação correta, acarretam em problemas ambientais (FENIMAM e OLIVER, 2013).

Ainda sobre as técnicas de cuidados com o solo, Maria, 42 anos, Agricultora da Horta da Brisa em Guaratiba-RJ, como é possível observar na Figura 6, relata que o manejo e os cuidados adotados por ela e sua comunidade são feitos de forma natural

“[...] a gente cuida pela compostagem, tanto faz, de cascas, legumes, de sobras, folhas, a própria capina da horta, aproveitamos tudo. Não queimamos nada, não é permitido queimar nada. É tudo natural, e eu acredito que é assim que cuidamos do solo” (Informação Verbal, apêndice I).

Figura 6 – Horta da Brisa

Fonte: Fotografia adquirida durante a Entrevista (2022).

As técnicas de adubação e compostagem não são adotadas apenas para hortas comunitárias, essas práticas também podem exercidas nos próprios canteiros de casa. De acordo com a Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) – Fiocruz (2021), 42% dos plantadores orgânicos do município do Rio de Janeiro se dedicam à chamada agricultura de quintal e 11%, à de coletivos e movimentos urbanos, contra 47% da forma “tradicional”. De acordo com a pesquisa mencionada, 73% dos agricultores urbanos da cidade plantam em seus próprios quintais; 18% em hortas coletivas e somente 9% de forma mais empresarial, destinada ao comércio.

Josefa, 67 anos, moradora da Pedra do Sapo no Morro do Alemão, conta que além de exercer técnicas de cultivo em hortas do Programa de Agricultura Urbana, ela também cuida das plantações no próprio canteiro de casa,

“Sim, existem algumas técnicas sim. Comecei em um projeto da horta agora a pouco da AS-PTA. Estou trazendo a comunidade para trabalhar junto comigo. [...] Quanto à adubação, eu tenho composteira aqui na minha casa, mas também tenho um projeto de biodigestor. Para ter as plantas bem bonitas, precisa ter todo esse processo de adubação e irrigação. Precisa ter cuidado tanto com as plantas, como nos solos.” (Informação Verbal, apêndice C).

Destarte, assim como mencionado por Aquino e Assis (2007), as experiências urbanas com agricultura se dirigem à valorização de espaços limitados, para uma produção voltada ao autoconsumo, possibilitando o aumento da disponibilidade de alimentos e a diversificação da dieta das famílias. Atrelado as implicações na questão de espaço e a produção em pequena escala, foi apurado nesta pesquisa que as agricultoras não apresentaram preocupação entre as hortas e à paisagem, resultando em plantações com usos mistos do solo, ou seja, não há uma separação própria para cada tipo de plantação. Apesar disso, observou-se que há conhecimento sobre as espécies plantadas em seus canteiros (Figura 7) e seus comportamentos em relação ao solo, clima e adversidades, assim como foi relatado por Joselita (70 anos) e Bernadete (62 anos) respectivamente.

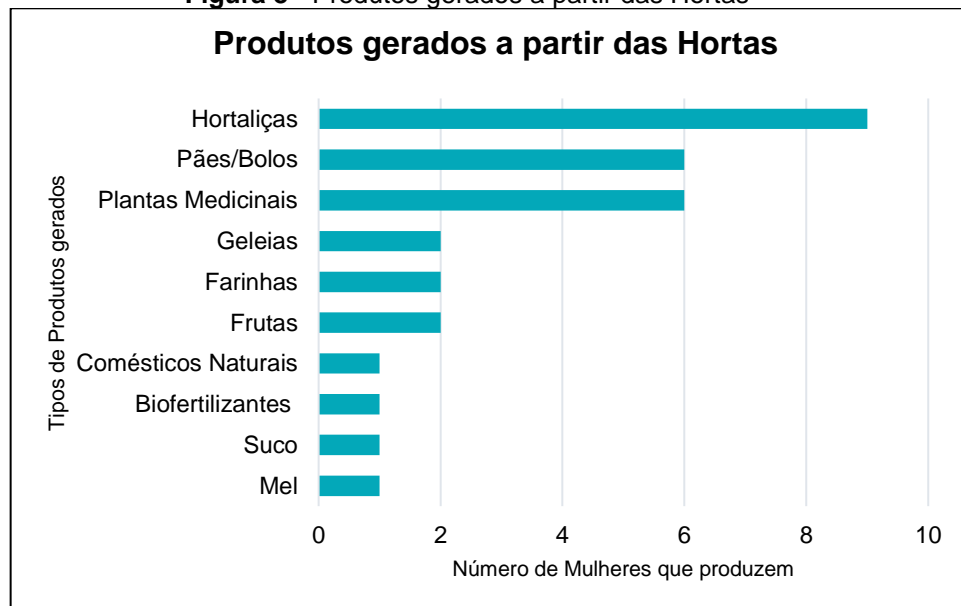
“Embora, ultimamente, o local onde eu faço alguma coisa, a terra não é tão boa assim. Mesmo com ajuda de produtos, de adubação, para ajudar na terra, ela não fica boa. Ela é uma terra muito *braba*, muito barro, muito duro. Quando chove, fica colando demais e quando está calor ela seca, a terra racha, não tem como cavar. [...] Nos canteiros, eu costumo separar, dou uma semeada, costumo separar metade do canteiro para a couve, metade para a chicória. E quando *tem assim*, uma plantação que a gente tem que mudar, por exemplo, de couve para alface, eu geralmente gosto de fazer separada a mudança, só de couve, ou planto algumas *verdurinhas* no meio, uma cebolinha, uns temperos. Mas, gosto de deixar separado. A única coisa que eu misturo entre elas, é a cebola, mas a mostarda não, gosto de fazer o canteiro só dela, ela espalha muito, deixo um canteiro só para ela. A couve também, deixo separado. O aipim eu deixo junto com o milho, porque quando eu planto o aipim, em seguida eu planto o milho, porque quando o aipim cresceu, eu já colhi o milho. E as bananas, quando a gente limpa assim, *a gente faz* plantação de aipim entre as bananas, que *dá* também.” (Informação Verbal, apêndice A).

“No mesmo local, as árvores (frutíferas, exóticas), são plantadas em terraços pois o solo tem declive. As hortaliças são plantadas na parte plana (abóbora, abobrinha, girassol, tomate, maxixe). As plantas medicinais possuem um canteiro separado, as ervas aromáticas são em vasos, as berinjelas são plantadas em uma cobertura com sombrite e as pancos estão por todo o terreno. Tem um canteiro com cana e um outro espaço com aipim.” (Informação Verbal, apêndice G).

Figura 7 – Horta em Campo Grande, RJ

Fonte: Fotografia adquirida durante as Entrevistas (2022).

Constatou-se através das respostas obtidas que, as hortas possuem diversos tipos de produtos, desde as hortaliças, até produções de biofertilizantes, como é possível observar na figura 8.

Figura 8 - Produtos gerados a partir das Hortas

Fonte: Autoria Própria (2022).

Dos produtos citados, o que possui maior destaque são as olerícolas como Couve, Cebolinha, Abóbora, Abobrinha, Maxixe, Aipim, Milho, etc., que serve como base alimentar para as agricultoras e suas famílias, assim como, para outros membros de suas comunidades. Salienta-se que as plantas medicinais possuem características singulares no que se refere ao seu uso. Assim como relatado por Joselita, as plantas medicinais geralmente são plantas nos canteiros de casa, em vasos ou até mesmo em baldes, como é possível observar na Figura 9. Além disso, essas plantas adquiriram caráter cultural, podendo ser usadas e preparadas de formas variadas, de acordo com o conhecimento local,

“Eu, por ser uma pessoa que vim da roça, sou baiana, nasci no interior de Ilhéus e Itabuna, cresci ali na terra, trabalhando, não consigo ficar numa casa que não tenha um verde, uma plantação. [...] Na minha casa, como eu te falei, quebrei um pedacinho do meu piso nos fundos, tenho bastante coisa medicinal plantada. Tenho por exemplo, cidreira, pezinho de taioba, tenho pitanga, tudo no vaso, até pé de cravo eu tenho plantado aqui. assim, quando eu preciso, para o meu uso, eu tenho. Principalmente, a medicinal. Quando eu preciso de um xarope, eu pego do meu quintal, tem bastante para o meu uso, fico muito feliz com isso. Eu moro na cidade né, mas eu não deixo de ter minhas coisinhas plantadas. Quando eu me levanto de manhã, a primeira coisa que eu vou quando abro a porta, é ir mexer neles, dá uma olhada, para ver como que está, molho. É um *‘tiquinho’* de quintal e de horta, mas que eu tenho tudo, é bem diversificado”. (Informação Verbal, apêndice A).

Figura 9 - Horta de quintal



Fonte: Fotografia obtida através das Entrevistas (2022).

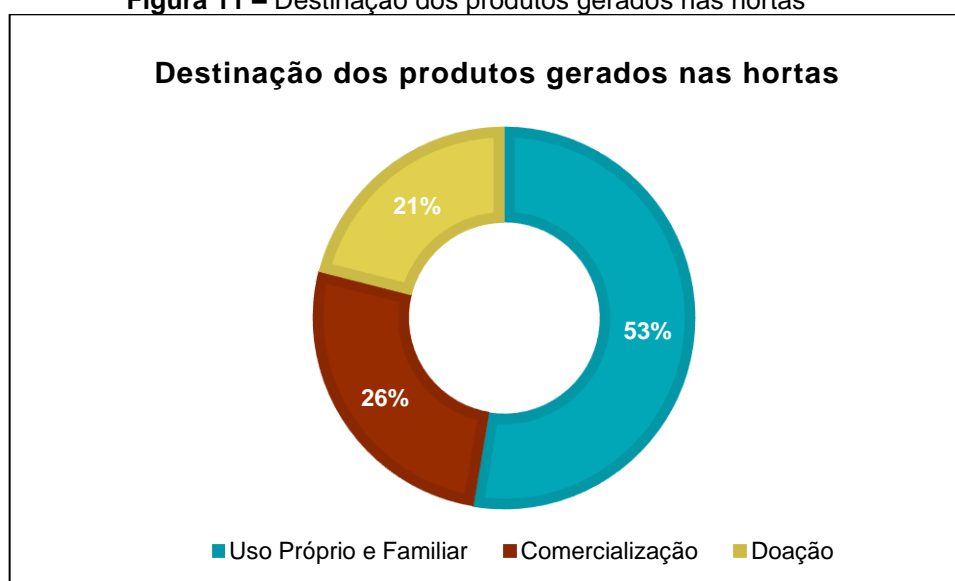
Assim como foi relato pela Maria, a Horta da Brisa, localizada em Jardim Guaratiba – RJ, possui como objetivo promover uma alimentação saudável através de plantações sustentáveis (Figura 10),

“Faço parte da Horta da Brisa. A horta da brisa foi criada pela pastoral da criança, para incentivar as famílias da pastoral a ter uma alimentação saudável. Eu entendo a agricultura não é só em uma grande plantação. Agricultura para mim é você plantar no seu quintal, em um balde, isso é agricultura. E aqui no Jardim Guaratiba são muitas mulheres que praticam a agricultura. A nossa produção na horta são hortaliças, verduras, legumes né, plantas medicinais, plantamos de tudo.” (Informação Verbal, apêndice I).

Figura 10 - Colheita na Horta da Brisa

Fonte: Fotografia adquirida durante as Entrevistas (2022).

As hortas, desde as comunitárias até as de quintal, possuem diversas finalidades, sejam elas para uso próprio, para comercialização ou para doações. A partir das Entrevistas realizadas, foi possível perceber que não há um padrão entre as Agricultoras, cada uma possui seu propósito que vai de acordo com suas necessidades (Figura 11).

Figura 11 – Destinação dos produtos gerados nas hortas

Fonte: Autoria própria (2022).

Cabe ressaltar que a relação entre as Agricultoras Urbanas com a destinação dos produtos gerados não se restringe a apenas um dos itens, tendo casos como o da Joselita, que utiliza a produção da horta para uso familiar, mas também, quando há excedentes na produção, ela doa para sua comunidade,

“É para o meu uso, ou eu dou para os meus vizinhos. Quando eu tenho ora-pro-nóbis, meus vizinhos vêm pegar, pessoas de fora descobrem e vem pegar. Eu não vendo, eu dou. E aipim, eu geralmente costumo pegar para doar para a igreja, faço bolo, para a igreja, doou caixas, e as vendas do aipim, quando alguém da feira precisa, vem falar comigo”. (Informação Verbal, apêndice A).

Além do uso próprio e familiar, a comercialização possui forte relevância, pois, serve como fonte renda para muitas agricultoras. O Programa de Agricultura Urbana, assim como foi relatado por Letícia, colabora com a realização e organização das Feiras Agroecológicas no Rio de Janeiro, permitindo com que as Agricultoras consigam vender suas plantações quando necessário. Observe o relato a seguir.

“Sou assessora agrícola do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA e apoio prestando assessoria para agricultores e agricultoras que fazem agricultura no espaço urbano em todas as etapas do processo produtivo e apoiamos na organização dos grupos, apoiamos na facilitação sistema participativo da Rede Carioca de Agricultura Urbana, gestão de feiras da roça, orgânicas e agroecológicas etc.”. (Informação Verbal, apêndice E).

A Figura 12, apresenta uma esquipe de abastecimento popular denominada Raízes do Brasil, responsável pela organização de cestas básicas do Movimento dos Pequenos Agricultores.

Figura 12 - Alimentos que irão compor as cestas básicas



Fonte: Fotografia adquirida durante as Entrevistas (2022).

É nesse sentido que se percebe a importância da agricultura urbana como fenômeno socioeconômico, caracterizando-se opção por sistemas de produção com base na agroecologia como mais adequados à realidade dos agroecossistemas urbanos (AQUINO e ASSIS, 2007). Visto isso, foi verificado que 100% das mulheres agricultoras entrevistadas para esta pesquisa, entendem a importância da agroecologia para a manutenção saudável de suas hortas e esse fato pode ser corroborado pela efetiva participação e interesse em cursos sobre a temática, que por muitas vezes foram promovidos pela AS-PTA ou por seus patrocinadores – assim como foi relato pela Maria e Marina respectivamente,

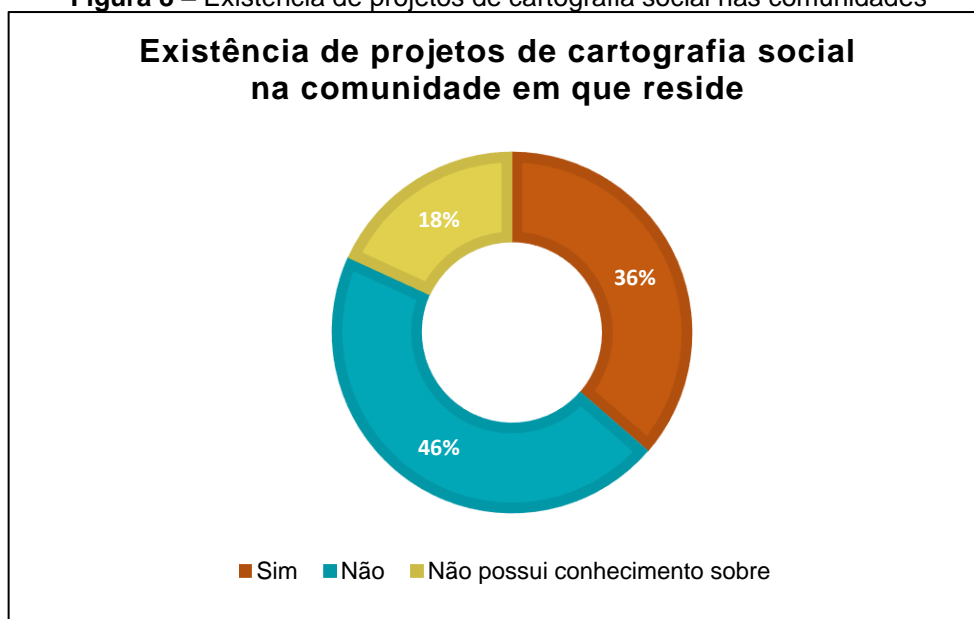
“Já participei de um curso de agroecologia, só não lembro a data. Foi realizado pela AS-PTA. Já dei cursos também, na Pedra de Guaratiba sobre hortas em pequenos espaços. Estou sempre aprendendo, sempre que tem cursos eu tento participar. É sempre bom ter um pouquinho mais de conhecimento. Me considero uma pessoa que contribui muito, tento sempre promover uma alimentação saudável na minha casa, na minha família, na minha vizinhança, na minha Igreja. Me considero uma pessoa responsável e lidero a Horta da Brisa.”. (Informação Verbal, apêndice I).

“Sou estudante de biologia, trabalho com pesquisa e extensão em agroecologia desde 2018, além da militância e trabalho voluntário, em 2021 me tornei estagiária da AS-PTA, parte da Rede Carioca de Agricultura Urbana, Rede Agroecológica da UFRJ e outros coletivos. já participei de cursos, vivências, oficinas, congressos, simpósios, encontros etc., muita

experiência com a temática! Sou apaixonada!” (Informação Verbal, apêndice J).

Além disso, a ASPTA também fomenta projetos de Cartografia Social em algumas comunidades do Rio de Janeiro, como no caso do Quilombos da Pedra Branca, como foi relatado por Bernadete (APÊNDICE G). Por outro lado, algumas agricultoras explicam que na comunidade em que residem não possui nenhum tipo de projeto ou não possuem conhecimento sobre (Figura 13).

Figura 8 – Existência de projetos de cartografia social nas comunidades



Fonte: Autoria Própria (2022).

De acordo com Faria (2020), a Cartografia Social é uma ferramenta de extrema importância para o planejamento e transformação coletiva, sendo fundamentada na investigação-ação-participativa e desenvolvimento local. Portanto, a existência de projetos sociais em comunidades faz-se fundamental na luta pela terra e sua defesa, legitimando os conhecimentos e raízes dessas populações. Além disso, sua prática é favorável pela forte articulação entre os saberes e conhecimentos, sendo estabelecida através de linguagem acessível no diz respeito a representação da realidade vivida.

Ainda assim, existe uma dificuldade de acesso e troca entre as Agricultoras e tais projetos, como foi relatado por Leodiceia, 61 anos, moradora do Rio D’ouro em Magé/RJ, “Temos que pagar e é bem salgado o preço” (Informação verbal)¹. Como

¹ Entrevista concedida por Leodiceia. Entrevista n° 4, apêndice D. [01.2022]. Entrevistador: Liana Beatriz de Oliveira Carvalho. Juiz de Fora, 2022.

mencionado, é clara a importância desta ferramenta pela luta de seus direitos, suas terras e seu conhecimento, e a inacessibilidade relatada pela entrevistada, confirma ainda mais a invisibilidade desses povos perante o sistema.

Por fim, com o intuito de comprovar a relevante participação feminina nas Hortas Urbanas do Rio de Janeiro, foi indagado às agricultoras sobre a quantidade de mulheres que colaboram nas agriculturas comunitárias. Das 11 entrevistadas, apenas seis (6) souberam responder sobre esta questão levantada. Sendo assim, foi averiguado que não existe um padrão em relação a isso, podendo variar entre 6 e 20 mulheres por horta comunitária. Marcelle, de 36 anos, que desde 2005 participa da Verdejar Socioambiental e que atua com Agricultura Urbana Agroecológica desde 1997 nas favelas da Serra da Misericórdia, zona norte/RJ, relata que,

“São muitas!! As mulheres são a maioria, tanto nos espaços de gestão dos projetos, das ações, como na produção, cultivos, articulação local e redes, até a organização coletiva de geração de autonomia em seus territórios. Sem feminismos não há Agroecologia! Mas, falando de atualmente, e mais diretamente, 7 mulheres.” (Informação Verbal, apêndice K).

Assim como Marcelle, Joselita, moradora de Campo Grande, também destaca o protagonismo feminino na agricultura urbana. Apesar de hoje em dia Joselita não trabalhar diretamente mais em hortas comunitárias, mas sim, nas hortas de quintal, na época em que atuava nestas plantações, ela relata que havia muitas mulheres que colaboravam (Figura 14), “Já tive muitas Mulheres trabalhando comigo, até na faixa de umas 10 ou doze mulheres. Quando tínhamos que fazer mutirão de horta, iam todas. Mas, no momento, pela pandemia, não tenho” (Informação verbal).²

² Entrevista concedida Entrevista concedida por Joselita. Entrevista nº 1, apêndice A. [01.2022]. Entrevistador: Liana Beatriz de Oliveira Carvalho. Juiz de Fora, 2022.

Figura 14 - Mulheres Agricultoras

Fonte: Fotografia adquirida durante as Entrevistas (2022).

5. Considerações Finais

A principal motivação para a elaboração deste trabalho foi verificar o protagonismo feminino na agricultura urbana, por meio de constatações a respeito das práticas agroecológicas de manejo do solo, exercidas por elas em suas comunidades. Entende-se que as práticas de cuidados com o solo são heranças culturais, que vem sendo carregadas e passadas de geração em geração, de modo que, suas tradições não sejam apagadas pelas novas relações com o solo nas cidades. Assim como foi relatado por Almeida (2019), a etnopedologia é uma ciência capaz de oferecer caminhos para engajar agricultores locais em um diálogo sobre solos, de maneira que diga respeito a eles próprios e àqueles que buscam promover seus meios de vida, com o auxílio de projetos de desenvolvimento.

Dessa forma, foi utilizado como base para a pesquisa o “Programa de Agricultura Urbana” da AS-PTA, que por meio dos arranjos locais, promove a agroecologia dentro de comunidades no município do Rio de Janeiro e outros.. Além disso, o Programa oferece apoio às mulheres agricultoras por meio de projetos de intervenção, realização de oficinas, organização de feiras e integração para troca de saberes e de

sementes – esses elementos fortalecem os laços identitários das comunidades e as estratégias coletivas de resistência e sobrevivência.

Para a elaboração da pesquisa, optou-se pela metodologia de entrevistas estruturadas, com uma linguagem simples e perguntas objetivas, de forma a facilitar o diálogo com as mulheres entrevistadas e aproximá-las das questões levantadas sobre a temática. Apesar do contato próximo com o coordenador do Programa Márcio Mendonça, existiu uma dificuldade de comunicação com estas que integram o Programa nas comunidades do Rio de Janeiro. Acredita-se que isso possa ter acontecido por um conjunto de fatores como, a falta de sinal de celular nos quilombos ou até mesmo, a barreira que o aplicativo de mensagens ‘*Whatsapp*’ impõe para estabelecer uma relação de proximidade e confiança. Apesar desses fatores dificultantes, ainda assim, foi possível entrevistar onze (11) agricultoras urbanas e registrar suas experiências e conhecimentos tradicionais com as hortas e a agroecologia.

A partir das entrevistas com as Mulheres que compõem o programa, garantiu também criar uma rede de comunicação com outras agricultoras que não participam do programa diretamente – metodologia esta denominada ‘bola de neve’, que não estava prevista para o presente trabalho, porém, serviu como apoio positivo na performance dos resultados. Portanto, foi possível atingir um grupo mais restrito, permitindo com que as respostas obtidas servissem também como um relato de experiência, que como já foi mencionado, proporciona uma maior inserção de grupos fragilizados em pesquisas acadêmicas, para que assim, elas (re)descubram suas potencialidades.

A dinâmica da participação feminina nos processos de agricultura urbana foi estabelecida, assim como, suas práticas tradicionais e sustentáveis com o solo. Percebeu-se que devido as limitações de espaço, não existe uma relação de proximidade com a paisagem, fazendo com que as plantações nas hortas não seguissem um padrão. Os produtos gerados são em maioria para consumo próprio, familiar e/ou para a comunidade, mas, podem vir a servir como fonte de renda para muitas famílias. Foi possível verificar também que, o protagonismo feminino vai além das atividades agrícolas, o trabalho das mulheres ocorre em diversas esferas, como no próprio lar, onde 100% delas realizam atividades domésticas e 60% consideram-se as únicas responsáveis por estas.

Outras questões foram levantadas a fim de compreender, principalmente, sobre o nível de conhecimento a respeito do solo e da participação das agricultoras em cursos sobre agroecologia e, foi constatado que todas possuem forte interesse na temática, sempre buscando conhecimentos que agreguem e colaborem para o desenvolvimento de suas plantações. Entretanto, foi averiguado que não existe uma inserção presente e ativa de projetos de cartografia social dentro das comunidades do Rio de Janeiro, ou talvez, que não haja um conhecimento por parte das entrevistadas a respeito da temática. Faz-se necessário, portanto, que a comunidade científica se integre com maior significância nas comunidades tradicionais, buscando um diálogo próximo, através de uma metodologia participativa, para que os interesses daqueles mais fragilizados sejam totalmente abarcados.

A contribuição deste trabalho é no sentido de colaborar com um novo olhar da comunidade científica sobre a importância do papel feminino na agricultura urbana. Este, serviu como um porta-voz para as experiências e necessidades das agricultoras, possibilitando a criação de um espaço de diálogo para estimular e fortalecer o movimento de agroecologia urbana. Ressalta-se que para compreender as relações etnopedológicas, é essencial uma imersão nas comunidades, uma aproximação direta com os povos, uma participação efetiva nos processos de agricultura, incluindo, para análise pedológica e mapeamento, para que assim, seja possível comparar os diferentes conhecimentos, acadêmico e tradicional. Sendo assim, esta pesquisa é apenas o ponto de partida para possíveis trabalhos futuros, em que se objetiva alcançar os pontos levantados acima e que, conseqüentemente, as mulheres agricultoras sejam beneficiadas diretamente.

Referências

AGRICULTURA urbana está em expansão no Rio de Janeiro e tem protagonismo de mulheres. ENSP. Fiocruz. Abril, 2021. Disponível em: < <http://informe.ensp.fiocruz.br/secoes/noticia/6901/51146>>. Acesso em: Fevereiro de 2022.

ALMEIDA, Daniela Adil Oliveira. Isto e aquilo: agriculturas e produção do espaço na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH). 2016.

ALMEIDA, D. A. O. et al. Um diálogo entre a agroecologia ea agricultura urbana em regiões metropolitanas. **Rev Bras Agroecol**, v. 13, p. 168-180, 2018.

ALMEIDA, R. T.. **Etnopedologia: o estudo das etnociências e a produção de cerâmicas na comunidade quilombola os Rufinos**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação stricto sensu em Sistemas Agroindustriais – PGSA. 2019.

ANTONIO, G. J. Y., BRAGA, C. D. G., de ASSIS, R. L., & de AQUINO, A. M. (2020). O protagonismo das mulheres rurais: realidade atemporal: o caso de Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil. **Embrapa Agrobiologia-Artigo em periódico indexado (ALICE)**. 2020.

AQUINO, Adriana María de; ASSIS, Renato Linhares de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & sociedade**, v. 10, p. 137-150, 2007.

ARAÚJO, A. L. D., ALVES, Â. G. C., ROMERO, R. E., & FERREIRA, T. O. (2013). Etnopedologia: uma abordagem das etnociências sobre as relações entre as sociedades e os solos. **Ciência Rural**, 43, 854-860.

ARAÚJO, José Edson de Albuquerque; DE FREITAS DUARTE, Emanuela; FILHA, Francisca Gomes Torres. Agricultura urbana: Uma experiência de produção agroecológica urbana no centro de educação de jovens e adultos professor Alfredo Simonetti-CEJA. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 17229-17240, 2019.

ASPTA. **Agências Parceiras**. Jan, 2011. Disponível em: < <http://aspta.org.br/quem-somos/agencias-parceiras/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

ASPTA. **Programa de Agricultura Urbana**. Nov, 2010. Disponível em: < <http://aspta.org.br/programas/programa-de-agricultura-urbana/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

ASPTA. **Programa Paraíba**. Nov, 2010. Disponível em: < <http://aspta.org.br/programas/programa-paraiba/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

ASPTA. **Programa Paraíba**. Nov, 2010. Disponível em: < <http://aspta.org.br/programas/programa-paraiba/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

ASPTA. **Projeto Sertão Carioca: Conectando Cidade e Floresta: um olhar agroecológico para a conservação do solo**. Abr, 2021. Disponível em: < <http://aspta.org.br/2021/04/19/projeto-sertao-carioca-conectando-cidade-e-floresta->

[um-olhar-agroecologico-para-a-conservacao-do-solo/](#)>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

ASPTA. **Quem somos**. Nov, 2010. Disponível em: < <http://aspta.org.br/quem-somos/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

ASPTA. **Temas de Intervenção**. Disponível em:< <http://aspta.org.br/temas-de-intervencao/>>. Acesso em: 11 de novembro de 2021.

AUDEH, S. J. S., LIMA, A. C. R. D., CARDOSO, I. M., JUCKSCH, I., & CASALINHO, H. D. (2011). Qualidade do solo: uma visão etnopedológica em propriedades agrícolas familiares produtoras de fumo orgânico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, 6(3), 34-48.

BRUMER, A. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 205-227, 2004.

CABRAL, Raiana Lira et al. Peasant and scientific knowledge on planosols as a source of materials in the making of non-industrial pottery. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 39, p. 303-313, 2015.

CARMO, V. A.. **A contribuição da Etnopedologia para o planejamento das terras: Estudo de caso de uma comunidade de agricultores do entorno do PARNA Caparaó**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

Como colocar entrevista no TCC? Passo a passo. Regras para TCC. 2021. Disponível em:<<https://regrasparatcc.com.br/formatacao/como-colocar-entrevista-no-tcc/>>. Acessado em: 23 de janeiro de 2022.

ERNESTO SOBRINHO, Francisco et al. Etnopedologia no conhecimento ambiental. 2015. 148 f. Tese (Doutorado em Manejo de Solo e água) - Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2015.

FENIMAN, Eduardo; OLIVER, Claudio. Contribuições da agricultura urbana para o manejo de resíduos orgânicos: a casa como uma refinaria biológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 8, n. 2, 2013.

FERNANDES, Luiz Arnaldo et al. Relação entre o conhecimento local, atributos químicos e físicos do solo e uso das terras. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 32, p. 1355-1365, 2008.

HALDER, Severin Johannes Baptist; MENDONÇA, M. D.; MONTERIO, D. Agricultura urbana: natural aqui do Rio de Janeiro. **Rio de Janeiro: AS-PTA**, 2008.

JOMALINIS, Emilia. Os sentidos da luta pela agroecologia e pela agricultura urbana: reflexões em construção. **Massa Crítica, Análise de Conjuntura sobre fatos da realidade nacional e internacional**, v. 67, p. 1-6, 2014.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, p. 303-320, 2004.

LEFEBVRE, Henri. O direito à cidade. São Paulo: Ed. Moraes, 1991.

LEPSCH, I. F. Formação e Conservação dos Solos. São Paulo: Oficina de Textos. 2002. 177 p.

MATOS, L. V., KER, J. C., CARDOSO, I. M., LANI, J. L., & SCHAEFER, C. E. G. R. (2014). O conhecimento local e a etnopedologia no estudo dos agroecossistemas da comunidade quilombola de Brejo dos Crioulos. **Sociedade & Natureza**, 26, 497-510.

MATUK, Fernanda Ayaviri et al. Ethnopedology of a quilombola community in Minas Gerais: Soils, landscape, and land evaluation. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 41, 2017.

MELO, Valdinar Ferreira et al. Solos da área indígena Yanomami no médio Rio Catrimani, Roraima. **Revista Brasileira de Ciência do Solo**, v. 34, p. 487-496, 2010.

MENDONÇA, Márcio Mattos et al. Semeando Agroecologia nas cidades. 2012.

PAPROSQUI, J. ; MEDEIROS, LM.; FOLMER, I. ; MACHADO, GE. Diálogo entre saberes acadêmicos e saberes tradicionais em um curso licenciatura a distância. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.], v. 10, n. 4, pág. e32210414268, 2021. DOI: 10.33448 / rsd-v10i4.14268. Disponível em: <https://www.rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14268>. Acesso em: 22 nov. 2021.

PASTORE, E.. Relação de gênero na agricultura ecológica. **Texto para discussão**, n. 06, 2005.

PEREIRA, J. A. et al. Conhecimento local, modernização e o uso e manejo do solo: um estudo de etnopedologia no planalto sul catarinense. **Revista de Ciências Agroveterinárias**, v. 5, n. 2, p. 140-148, 2006.

PETERSEN, Paulo et al. **Agricultura familiar camponesa na construção do futuro**. ASPTA–Agricultura Familiar e Agroecologia, 2009.

PRADO, B. de A.; MATTOS, Claudemar; FERNANDEZ, Annelise Caetano Fraga. Agricultores do Maciço da Pedra Branca (RJ): em busca de reconhecimento de seus espaços de vida. **Agriculturas, AS-PTA**, v. 9, n. 2, 2012.

RIBEIRO, S. M.; BÓGUS, C. M.; WATANABE, H. A. W.. Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde1. **Saúde e sociedade**, v. 24, p. 730-743, 2015.

ROESE, A. D..Agricultura urbana. **Embrapa Pantanal-Artigo de divulgação na mídia (INFOTECA-E)**, 2003.

SILVA, Cainã Ferraz et al. A atuação da Incubadora de Tecnologias Sociais da UFPE no fortalecimento de grupos de mulheres que praticam agricultura urbana na Região Metropolitana do Recife. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

APÊNDICE A – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 1 – Joselita

Realizada em 23 de janeiro de 2022 através de mensagens de voz no aplicativo de mensagens *'whatsapp'*.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Joselita: Vamos lá. Eu moro no Centro de Campo Grande, Rio de Janeiro, que é um bairro que tá quase uma cidade. Não sei se você conhece. E fica aqui pertinho de onde temos uma feira orgânica da agricultura, que eu sempre estou e faço parte da associação.

Liana: Qual a sua idade?

Joselita: A minha idade, que eu fiz agora dia 4 de dezembro, 70 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Joselita: Eu sou viúva, há treze anos. Tenho um neto que mora comigo, de 31 anos, mas, ele diz que mora comigo pra cuidar de mim enquanto eu for viva, pra estar do meu lado. Mas, pra falar a verdade, as atividades da minha casa, eu que faço tudo, eu que resolvo tudo, tudo que eu tenho pra resolver, sou eu que faço. Eu sou uma mulher bem ativa, bem decidida, com as minhas faculdades mentais normais, sou bem forte. Eu gosto muito de flores também, eu faço um trabalho na minha paróquia de ornamentar a igreja com flores naturais, é claro. Então, eu tenho esse trabalho que eu ornamento a minha igreja e as vezes quando alguém me encomenda arranjos de flores, eu faço, bem grande, bem bonito e as pessoas vem pegar. E faço todos os meus trabalhos de casa, tudo que têm que resolver, sou eu que faço. Sou a mulher e o homem da casa.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Joselita: Sim, porque tudo que eu faço, a responsabilidade é minha. Não tem ninguém pra fazer pra mim. Sou uma mulher muito bem resolvida, muito ativa, embora, na minha idade, 70 anos. Mas, se você me vir pessoalmente, você vai ver que sou muito

forte, ninguém acredita que tenho essa idade. E eu, faço tudo, eu sei resolver tudo na minha casa, de obra, eu sou a responsável por tudo da minha casa.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Joselita: Como já te falei lá em cima, moro só com o meu neto de 31 anos. Tenho 3 filhas e 3 netos. Minhas filhas moram todas perto de mim, aqui em Campo Grande, uma até aqui na minha rua.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Joselita: Bom...os meus processos de agricultura, no qual eu participo, eu gosto de plantar tá. Mas, eu não vendo, assim, na feira. Sempre a produção é muito pequena, e eu faço mais assim, alguns canteiros, por que eu gosto sabe? Eu já plantei muito quando eu coordenava a Pastoral da Criança, que você deve conhecer né? E eu tinha uma horta, aqui mesmo em Campo Grande, que era da Pastoral da Criança e tinha um espaço muito grande. A gente fez assim, como uma escola da Pastoral de criança, com bastante gente da Pastoral que trabalhava na época e a gente tinha uma plantação bem legal. E aí, dava pra vender. Nós tínhamos de tudo, muita coisa bastante diversificada. Mas, hoje, não vendo.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Joselita: Sim, porque se a gente não tiver um cuidado com o solo, a gente não tem uma plantação legal né, bonita. Embora, ultimamente, o local onde eu faço alguma coisa, a terra não é tão boa assim pra que, mesmo com ajuda de produtos, assim de adubação, pra ajudar na terra, ela não fica boa. Ela é uma terra muito braba, muito barro, muito duro. Quando chove, fica colando demais e quando tá calor ela seca, a terra racha, não tem como cavar. Já andei buscando, assim, ajuda pra que melhore a terra. Eu só tenho uma coisa de bom lá, que é a adubação de gado. Então, esse cuidado, esse preparo, que eu tenho com a terra, é com adubo. Nesse espaço, que é de um amigo meu, que tem um sítio no km 32, é um sítio pequeno e cria um gadozinho lá e tem muito esterco né. Eles se alimentam mais de capim e o adubo é bem bom. Então, quando eu faço alguns canteiros pra que a terra fique um pouco mais solta, eu uso o adubo do gado, que é o esterco, pra poder dar uma melhorada na terra. Mas, te confesso que ultimamente tá difícil. Ontem mesmo tive lá, moro um pouco distante

do local, então não dá pra mim ir lá todo dia. As vezes vou lá dois dias na semana ou as vezes vou um dia. Essa época mesmo, muito de chuva, fiquei um mês sem ir lá, fui lá na sexta-feira depois de um mês. Cheguei lá, o canteiro que eu tinha feito estava tomado de mato, de tiririca, lá tem muita tiririca, tava seco. Porque assim, eu não tenho muita gente pra ajudar, esse meu amigo só cuida do gado e ele não tem tempo e nós não temos assim, condições de tá pagando uma pessoa pra tá limpando e lá é muito distante pra ir de onde que eu moro fica caro, tem que pagar condução. Quando a gente salta do ônibus, a distância é muito grande pra gente ir a pé, é muito complicado. E quando chove também, eu não vou até lá porque...a, não dá pra passar de carro, o carro atola, não dá. Aí, eu fiquei esse tempo todo sem ir lá, e quando cheguei lá fiquei bem triste. Minha plantação tava cheia de mato, o mato tinha tomado conta do que eu plantei. O que eu plantei de couve, mostarda, tinha alface, chicória e...eu cheguei lá o mato tinha acabado com eles. Tem dois anos que eu não consigo fazer trabalho direito, sabe? As vezes eu vou, fico olhando assim o sítio, em busca de um pedacinho de terra, um localzinho assim, que tenha uma terra melhor, pra fazer uns canteiros. Mas, tá complicado. O que eu planto mais lá, que realmente dá, é aipim, que agora tamos com a plantação bem grande de aipim, e banana. Milho também, estamos plantando milho lá agora. Agora, sobre o solo ainda né. Que, quando a gente começa a falar de solo e terra, a melhoria do solo pra plantação, a gente tem muita coisa pra falar. Aqui aonde eu moro, como eu te falei, quase no centro, o meu quintal é um pouquinho grande, mas, é todo cimentado. Eu, por ser uma pessoa que vim da roça, sou baiana, nasci no interior de Ilhéus e Itabuna, cresci ali na terra, trabalhando, não consigo ficar numa casa que não tenha um verde, uma plantação. Então, eu planto alguma coisa na minha casa, no quintal, que o espaço não é tão grande. Eu quebrei um pedacinho ali do cimento da minha casa e fiz um canteirinho ali, que eu planto, e tem os vasos. E, eu sempre faço essa adubação em casa, um pouco, mas faço. Com cascas, com folhas, resíduos de legumes, de verduras, folhas e misturo com terra, pra poder fazer uma adubação pro meu uso em casa, de pouca coisa, e como eu tenho um pouco de conhecimento, eu faço.

Liana Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Joselita: Como no sítio eu não planto muita coisa, porque não tem quem cuide, eu faço geralmente poucos canteiros, quatro ou cinco, no máximo. Eu costumo separar, dou uma semeada, costumo separar metade do canteiro pra couve, metade pra chicória. E quando tem assim, uma plantação que a gente tem que mudar, por exemplo, de couve pra alface, eu geralmente gosto de fazer separada a mudança, só de couve, ou planto algumas verdurinhas no meio, uma cebolinha, uns temperos. Mas, gosto de deixar separado. A única coisa que eu misturo entre elas, é a cebola, mas a mostarda não, gosto de fazer o canteiro só dela, ela espalha muito, deixo um canteiro só pra ela. A couve também, deixo separado. O aipim eu deixo junto com o milho, porque quando eu planto o aipim, em seguida eu planto o milho, porque quando o aipim cresceu, eu já colhi o milho. E as bananas, quando a gente limpa assim, a gente faz plantação de aipim entre as bananas, que dá também.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Joselita: Bom, como eu te falei, eu não vendo nada na feira. Até porque eu planto, mas não pra gerar renda, eu planto porque eu gosto. Graças a Deus, eu não preciso plantar mais pra gerar uma renda, porque eu tenho a minha renda. Eu planto porque eu gosto. Quando tem muito aipim, eu e meu amigo a gente vende as caixas pra feira. Nessa pandemia, a gente vendeu muita caixa de aipim pra fazer bolsas né. Nós vendemos e doamos também, pra colocar nas bolsas para as pessoas que estavam precisando na primeira pandemia. A banana também vende, mas, as vezes nem na feira. Tem pessoas que passam ali pelo sítio e a gente dá, a gente vende por ali mesmo, não precisa ir a feira. Mas assim, uma coisa eu que faço poque é minha origem, roça mesmo, eu amo a terra, amo plantar. Quer ver eu me sentir bem, é eu estar ali dentro de um mato, na roça, trabalhando. Nossa...eu não penso mais em nada, fico muito feliz. No dia de ir pro sítio eu me realizo, eu gosto, gosto muito, muito mesmo de plantar.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para comercialização?

Joselita: É pro meu uso, ou eu dou pros meus vizinhos. Quando eu tenho ora-pro-nóbis, meus vizinhos vêm pegar, pessoas de fora descobrem e vem pegar. Eu não vendo, eu dou. E aipim, eu geralmente costumo pegar pra doar pra igreja, faço bolo, pra igreja, doou caixas, e as vendas do aipim, quando alguém da feira precisa, vem

falar comigo. O restante, pode ser vendido assim, no próprio sítio. Na minha casa, como eu te falei, quebrei um pedacinho do meu piso nos fundos, tenho bastante coisa medicinal plantada. Tenho por exemplo, cidreira, pezinho de taioba, tenho pitanga, tudo no vaso, até pé de cravo eu tenho plantado aqui. Eu tenho saião, caramba...eu tenho muito aranto, um pé de graviola, um pé de café também, de aroeira, pequeno, plantado, hortelã, pimenta. Bastante coisinha, tudo no vaso, mas quando eu preciso eu dou. Tenho aquele coentro de folha larga, pra peixe, tem outros tipos de verdura, pezinho de couve. E que assim, quando eu preciso, pro meu uso, eu tenho. Principalmente, a medicinal. Quando eu preciso de um xarope, eu pego do meu quintal. Tenho bastante açafão plantado nos vasos, bem bonito. Tenho bastante bertalha, que eu como muito. Tem bastante pro meu uso, fico muito feliz com isso. Eu moro na cidade né, mas eu não deixo de ter minhas coisinhas plantadas. Quando eu levanto de manhã, a primeira coisa que eu vou quando abro a porta, é ir mexer neles, dá uma olhada, pra ver como que está, molho. É um tiquinho de quintal e de horta, mas que eu tenho tudo, bem diversificado.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Joselita: Que eu saiba não. Nosso trabalho social é dentro da Agricultura Urbana, que a gente se ajuda. O trabalho social que eu conheço é na minha Igreja, e a gente ajuda as pessoas necessitadas. E o trabalho social na Pastoral, com as crianças. Ensinamos as mães a alimentarem seus filhos, de evitar comer alimentos com agrotóxico, fazer plantio em seus quintais, para dar comida mais saudáveis aos seus filhos.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Joselita: Sim, muitos. Muitos mesmos. Já fiz um ano de homeopatia. Tenho conhecimento sobre os remédios homeopáticos. Já fiz muitos cursos aqui na Rural, de sementes, de plantios, curso de compostagem. Já viajei muito com o pessoal de Agricultura Urbana pra conhecer outros territórios, outros trabalhos, conhecer, levar experiência, troca de saberes e sementes. Então, assim, não vou dizer que sou sábia, mas já estudei muito. Fiz também, curso de horta com a Pastoral da Criança, sou multiplicadora de horta pela Pastoral, dou cursos, sou cadastrada pra isso. Já fiz

bastante coisa, mas, agora to mais parada. Nessa pandemia não dá pra sair tanto de casa, mas tenho um pouco de experiência em cada coisa da Agricultura.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Joselita: Agora no momento, ninguém. Eu não tenho trabalho de horta grande, até precisa de gente, mas agora não tem. No local aonde eu planto é complicado, é longe e não tem ninguém, nem vizinhos por perto. Porque é sítio, mas ninguém mora lá. Já tive muitas Mulheres trabalhando comigo, até na faixa de umas 10 ou doze mulheres. Quando tínhamos que fazer mutirão de horta, iam todas. Mas, no momento, pela pandemia, não tenho. Mas, Liana, todas que passaram comigo, tem conhecimento, tem sabedoria, sabem que precisam cuidar das hortas, da alimentação, de ver o que devemos ou não comer. E, lutar sempre pela nossa sobrevivência e não comer veneno. Eu tenho a minha origem de horta, sou uma pessoa que sempre guardo as minhas coisas, carrego ainda as coisas antigas que a minha mãe me ensinava na roça. Tenho um conhecimento muito grande de plantas, do que ou não plantar. Então, eu faço uso. Sei fazer xarope pra gripe, muitas pessoas usam, falam que é um xarope milagroso, muitas crianças usam. Gosto muito de fazer na minha casa.

APÊNDICE B – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 2 – Bruna

Realizada em 25 de janeiro de 2022 através de mensagens no aplicativo de mensagens *'whatsapp'*.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Bruna: Santa Teresa

Liana: Qual a sua idade?

Bruna: 35.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Bruna: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Bruna: Sim.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Bruna: Moro sozinha.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Bruna: Comercialização e comunicação.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo?
Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Bruna: Sim, agroecologia.

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Bruna: Não atuo diretamente em hortas. Atuo mais na comercialização e nos mercados que montam cestas. Quase não tenho ido nas hortas, que é onde tem a produção. Eu fico mais na parte que a gente chama de abastecimento - que é outra ponta da produção.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Bruna: Produtos de feira, uso medicinal, e processados (pão, bolo, mel, sucos).

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Bruna: Uso local e comercialização.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Bruna: Sim.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Bruna: Sim.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Bruna: Não sei dizer.

APÊNDICE C – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 3 – Josefa

Realizada em 25 de janeiro de 2022 através de mensagens de voz no aplicativo de mensagens *'whatsapp'*.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Josefa: Morro do Alemão. Pedra do Sapo.

Liana: Qual a sua idade?

Josefa: 67 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Josefa: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Josefa: Sim.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Josefa: Na minha casa são 4.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Josefa: Plantando mudas e vendendo junto com uma rede.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo?

Josefa: Sim, existem algumas técnicas sim. Comecei em um projeto da horta agora a pouco da ASPTA. Estou trazendo a comunidade para trabalhar junto comigo. Tem algumas mulheres. Estamos começando a limpar o espaço, comecei plantando

algumas coisas, ervas medicinais, tomate, feijão, maxixe, batata doce e batata inglesa. Mas, aí veio o período de chuva, e cresceu muito mato, aí estamos limpando aos poucos, está muito quente esses dias. Tem dia que eu consigo ir, tem dia que não consigo. Tem a questão da água, que ainda não foi ligada pra gente irrigar a horta, porque é uma horta comunitária. Ainda estamos dando início ao processo da horta. Quanto à adubação, eu tenho composteira aqui na minha casa, mas também tenho um projeto de biodigestor. Para ter as plantas bem bonitas, precisa ter todo esse processo de adubação e irrigação. Precisa ter cuidado tanto com as plantas, como nos solos.

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Josefa: Na horta ainda não está separado não, mas futuramente pretendo fazer tudo isso. Separar os locais de plantas cada tipo de legume. E, como a gente estava dando início, eu plantei as ervas misturadas em um espaço, apesar de já vender ervas na minha laje, já participo de uma rede e a gente parou um pouco, mas vamos dar início novamente. Agora eu gero uma quantidade de mudas, e eles vem buscar de 2 em 2 meses. Eles já fizeram a loja virtual que vai lançar na rede pra vender as mudas. Fica na Serra da Misericórdia, no Engenho da Rainha e na Pedra do Sapo aqui. Depois que eles vendem, eles me pagam. A ideia é envolver a comunidade os jovens pra fazer esse trabalho comigo e o dinheiro ser dividido.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Josefa: Na feira, ainda não fazemos nem pão nem geleia. Mas, futuramente, a gente de repente pode gerar isso tudo aí.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Josefa: Venda e uso doméstico.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Josefa: Não sei dizer sobre esses projetos.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Josefa: Sim.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Josefa: São algumas.

APÊNDICE D – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 4 – Leodiceia

Realizada em 25 de janeiro de 2022 através de mensagens de voz no aplicativo de mensagens *'whatsapp'*.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Leodiceia: Conceição. Rio D'ouro. Magé RJ

Liana: Qual a sua idade?

Leodiceia: 61 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Leodiceia: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Leodiceia: Sim.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Leodiceia: 2.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Leodiceia: Todos.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo?

Leodiceia: Sim, todos. Nessa época do ano refazemos os canteiros também, até mesmo porque no Rio nessa época do ano é um caos de tão quente. Março é um mês melhor para plantação.

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Leodiceia: Trabalho atualmente com processo de vermiponia. Dou preferência por consórcio. Tenho quadras separadas, mas fazemos a rotação.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Leodiceia: Todos os itens, mais fruta, farinhas, ovos, vinagres etc.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Leodiceia: Venda para merenda escolar e uso familiar.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Leodiceia: Não, temos que pagar e é bem salgado o preço.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Leodiceia: Sim.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Leodiceia: São poucas.

APÊNDICE E – Entrevistas Transcritas

Entrevistada nº 5 – Letícia

Realizada em 2 de janeiro de 2022, através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Letícia: Jardim Letícia em Campo Grande, Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Liana: Qual a sua idade?

Letícia: 33.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Letícia: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Letícia: Não.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Letícia: 1.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Letícia: Sou assessora agrícola do Programa de Agricultura Urbana da AS-PTA e apoio prestando assessoria para agricultores e agricultoras que fazem agricultura no espaço urbano em todas as etapas do processo produtivo e também apoiamos na organização dos grupos, apoiamos na facilitação sistema participativo da Rede Carioca de Agricultura Urbana, gestão de feiras da roça, orgânicas e agroecológicas etc.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Letícia: [A entrevistada optou por não responder].

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Letícia: [A entrevistada optou por não responder].

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Letícia: Além das assessorias aos agricultores/as urbanos/as o programa de agricultura urbana também produz diversos materiais de comunicação, apoia no desenvolvimento de identidade visual de processadoras /es ligados a Rede Carioca de Agricultura Urbana.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Letícia: [A entrevistada optou por não responder].

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Letícia: Conheço alguns profissionais que trabalham com cartografia social em alguns locais de atuação do Programa de Agricultura Urbana.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Letícia: Sim. Sou formada em agronomia e participei de cursos, palestras e seminários na universidade. Também fiz mestrado em agricultura urbana e participei do Programa de residência de agronomia onde pude aprofundar os conhecimentos.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Letícia: [A entrevistada optou por não responder].

APÊNDICE F – Entrevistas Transcritas

Entrevistada nº 6 – Aurea

Realizada em 25 de janeiro de 2022, através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Aurea: Paracambi num lote arrendado.

Liana: Qual a sua idade?

Aurea: 49 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Aurea: Sim! Divido tarefas com minha família.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Aurea: Na minha casa cada um assume a demanda que aparece, se alguém não tiver o outro assume.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Aurea: Eu, meu esposo, 2 filhas e 3 netos.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Aurea: Do plantio até a comercialização.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Aurea: Usamos compostagem e adubação com a água do cozimento da chaya (panc).

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Aurea: Como produzimos as plantas alimentícias não convencionais, tudo junto e misturado.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Aurea: Pães, bolos, farinhas, geleias, picles etc.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Aurea: Consumo próprio e doações (frutas, legumes, mudas...);

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Aurea: Não.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Aurea: Sim!!! Na escolinha de agroecologia de Nova Iguaçu, tenho muita vivência nessa área.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Aurea: Somos 12 mulheres.

APÊNDICE G – Entrevistas Transcritas

Entrevistada nº 7 – Bernardete Montesano

Realizada em 26 de janeiro de 2022, através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Bernadete: Território de Campo Grande (Rio da Prata).

Liana: Qual a sua idade?

Bernadete: 62 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Bernadete: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Bernadete: Sim.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Bernadete: Moro sozinha com meus cachorros e gatos.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Bernadete: Produção de sementes e Mudas; Plantios de árvores, hortaliças, pancs, plantas medicinais, frutas, manejo da agrofloresta, colheita, processamento da produção...

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Bernadete: Usamos compostagem e adubação com a água do cozimento da chaya (panc).

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Bernadete: No mesmo local, as árvores (frutíferas, exóticas), são plantadas em terraços pois o solo tem declive. As hortaliças são plantadas na parte plana (abóbora, abobrinha, girassol, tomate, maxixe). As plantas medicinais tem um canteiro separado, as ervas aromáticas são em vasos, as berinjelas são plantadas em uma cobertura com sombrite e as pancas estão por todo o terreno. Tem um canteiro com cana e um outro espaço com aipim.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Bernadete: Tudo que é produzido é para consumo próprio, doações e processados para consumo próprio;

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Bernadete: Servem para uso local e para venda.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Bernadete: Sim...tem um Projeto da AS-PTA, que tá fazendo uma cartografia social com os Quilombos da Pedra Branca.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Bernadete: Sim, agroecologia é a minha vida!

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Bernadete: Na Rede Carioca de Agricultura Urbana, que faço parte, temos uma Roda de Mulheres, com cerca de 20 mulheres.

APÊNDICE H – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 8 – Cleonice Alves Viana Sampaio

Realizada em 28 de janeiro de 2022 através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Cleonice: Santa Margarida Campo Grande – RJ.

Liana: Qual a sua idade?

Cleonice: 66 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Cleonice: Sim!

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Cleonice: Não.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Cleonice: Com 03 pessoas.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Cleonice: Plantação.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Cleonice: Sim. Compostagem.

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Cleonice: Existem separações. Para cada tipo de planta ou hortaliças, por exemplo o método e diferente.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Cleonice: Uso Medicinal. Por exemplo: Alface e calmante, Chicória e anti-inflamatório.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Cleonice: Podem ser usados das duas formas. Eu prefiro e uso para beneficiar a comunidade.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Cleonice: Não. Já existiu projeto

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Cleonice: Já participei e tenho experiência com a temática.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Cleonice: No meu contexto São várias mulheres e homens. Creio em uma média de 06 mulheres.

APÊNDICE I – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 9 – Maria

Realizada em 28 de janeiro de 2022 através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Maria: Guaratiba.

Liana: Qual a sua idade?

Maria: 42 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Maria: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Maria: Sim. Mas, tentamos dividir também.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Maria: São 4 pessoas, 5 comigo. Meus filhos, meu esposo e eu.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Maria: Faço parte da Horta da Brisa. A horta da brisa foi criada pela pastoral da criança, para incentivar as famílias da pastoral a ter uma alimentação saudável. Eu entendo a agricultura não é só em uma grande plantação. Agricultura para mim é você plantar no seu quintal, em um balde, isso é agricultura. E aqui no Jardim Guaratiba são muitas mulheres que praticam a agricultura. A nossa produção na horta são hortaliças, verduras, legumes né, plantas medicinais, plantamos de tudo.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Maria: Sobre manejo e cuidados, a gente cuida pela compostagem, tanto faz, de cascas, legumes, de sobras, folhas, a própria capina da horta, aproveitamos tudo. Não queimamos nada, não é permitido queimar nada. É tudo natural, e eu acredito que é assim que cuidamos do solo.

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Maria: Nós plantamos de tudo, então não existe um lugar assim pra separar as coisas, plantas beringela, junto com jiló, com rúcula, alface. Então não tem um canteiro para cada espécie.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Maria: Hortaliças no geral.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Maria: A plantação é mais voltada para quem trabalha na horta. Já teve uma época que vendia bastante, porque tinha muito, para não estragar. Só vendemos quando sobra.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Maria: Já existiram.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Maria: Já participei de um curso de agroecologia, só não lembro a data. Foi realizado pela AS-PTA. Já dei cursos também, na Pedra de Guaratiba sobre hortas em pequenos espaços. Estou sempre aprendendo, sempre que tem cursos eu tento participar. É sempre bom ter um pouquinho mais de conhecimento. Me considero uma pessoa que contribui muito, tento sempre promover uma alimentação saudável na minha casa, na minha família, na minha vizinhança, na minha Igreja. Me considero uma pessoa responsável e lidero a Horta da Brisa.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Maria: Na horta somos 8 mulheres.

APÊNDICE J – Entrevistas Transcritas

Entrevistada nº 10 – Marina

Realizada em 31 de janeiro de 2022 através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Marina: Zona norte do rio de janeiro

Liana: Qual a sua idade?

Marina: 23 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Marina: Sim.

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Marina: Não.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Marina: Eu e mais três.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa?

Marina: Faço plantação, colheita, compostagem, plantio de muda, germinação de sementes e principalmente manejo agroecológico (poda, incorporação de matéria orgânica, adubação verde, biofertilizantes, bioinseticidas...). Como bióloga, trabalho com assessoria técnica e apoio a outros processos da agricultura urbana, que incluem pensar na área produtiva/Sistema Agroflorestal/agrofloresta de acordo com as propostas e especificação do cultivo, qualidade e componentes do solo etc.

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo?

Exemplos: Plantação, colheita, venda etc.

Marina: Sim, faço compostagem com resíduos domésticos como cascas, restos de comida e restos de poda; adubação verde com o plantio de espécies pioneiras e leguminosas para incorporação de matéria orgânica no solo (pioneiras como a bananeira, o pau formiga, margaridão, e leguminosas como feijão-de-porco, mucuna e crotalária).

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local? Exemplo: compostagem, adubação, etc. Se possível, descreva um pouco sobre.

Marina: Sim, existem separações de acordo com a incidência solar, de forma que espécies que suportam pouca luz permanecem nas áreas mais sombreadas, e se não houver sombra suficiente, espécies arbóreas serão implementadas nessa porção da horta. além de pensar nos consórcios entre plantas, que funcionam bem juntas e deveriam estar perto uma da outra na horta, como por exemplo o consórcio tradicional de abóbora-milho-feijão.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras.

Marina: Legumes, verduras, frutas, pães, bolos, uso medicinal

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Marina: Não comercializo, então para uso local medicinal e alimentício, seja comendo in natura ou fazendo pães, pastas, bolos. Doação de mudas também acontecem, mas não por venda.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Marina: Não perto de mim, mas na minha cidade sim.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Marina: Sou estudante de biologia, trabalho com pesquisa e extensão em agroecologia desde 2018, além da militância e trabalho voluntário, em 2021 me tornei estagiária da AS-PTA, parte da Rede Carioca de Agricultura Urbana, Rede Agroecológica da UFRJ e outros coletivos. já participei de cursos, vivências, oficinas,

congressos, simpósios, encontros, etc, muita experiência com a temática! Sou apaixonada!

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Marina: A esmagadora maioria são mulheres, em média 10 mulheres.

APÊNDICE K – Entrevistas Transcritas

Entrevistada n° 11 – Marcelle

Realizada em 02 de fevereiro de 2022 através de mensagens de texto no aplicativo de mensagens.

Liana: Em qual comunidade você reside atualmente?

Marcelle: Atualmente moro em Paraty. Mas componho desde 2005 a Verdejar Socioambiental, que atua com Agricultura Urbana Agroecologica desde 1997 nas favelas da Serra da Misericórdia- zona norte Rj.

Liana: Qual a sua idade?

Marcelle: 36 anos.

Liana: Você realiza atividades domésticas em seu lar?

Marcelle: Sim

Liana: Você se considera a maior responsável por tais atividades?

Marcelle: Não.

Liana: Com quantas pessoas você mora?

Marcelle: 3.

Liana: Em quais processos da Agricultura Urbana você participa? (Exemplos: Plantação, colheita, venda etc).

Marcelle: Desde o manejo do solo a colheita

Liana: Na agricultura praticada, existe alguma técnica de cuidado com o solo? (Exemplo: compostagem, adubação, etc). Se possível, descreva um pouco sobre.

Marcelle: Sim. Cobertura vegetal das podas e capinas e compostagem comunitária,

Liana: Na horta, existem separações para diferentes tipos de plantios ou as plantações são todas no mesmo local?

Marcelle: Realizamos consórcios nos canteiros, e rotação de culturas. Cultivamos tanto a Horta Comunitária, como a Agroflorestas, com agribiodiversidade.

Liana: Quais produtos são gerados a partir das hortas? (Exemplos: Produção de feira, uso medicinal, pão, geleia, bolos, legumes e verduras)

Marcelle: Realização local e eventual, de feira da saúde e Agroecologia. Além dos alimentos e ervas in natura, também produzimos biofertilizante e composto. As medicinas utilizamos para produzir cosméticos naturais como sabonetes, repelentes, desodorante, óleos de massagem, shampoo em barra, tinturas e oleato.

Liana: Esses produtos são para uso local da comunidade ou para venda?

Marcelle: Tanto para uso, partilha local como para geração de renda.

Liana: Em sua comunidade, existem projetos/programas de Cartografia Social?

Marcelle: Sim, da Própria Verdejar Socioambiental.

Liana: Você já participou de algum curso sobre Agroecologia? Tem experiência com a temática?

Marcelle: Sim de diversas. Participo e realizo formações, curso, oficinas nas práticas da Educação Popular, de Agroecologia, desde a primeira infância até a EJA, a partir da implementação de hortas agroecológicas em escolas, quintais e demais.

Liana: Você saberia dizer quantas mulheres em média atuam com você nas hortas?

Marcelle: Graças as Deusas Muitas!! As mulheres são a maioria, tanto nos espaços de gestão dos projetos, das ações, como na produção, cultivos, articulação local e redes, até a organização coletiva de geração de autonomia em seus territórios. #Sem feminismos não há Agroecologia! Mas, falando de atualmente, e mais diretamente, 7 mulheres.